

A tropical beach scene with a sandy shore, turquoise water, and a cliffside covered in palm trees and a thatched hut.

Intercâmbio Cultural e Territorial enquanto prática pedagógica diferenciada

Maricéia Meirelles Guedes / Ahnã Pataxó

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

MARICÉIA MEIRELLES GUEDES / AHNÃ PATAXÒ

**INTERCÂMBIO CULTURAL E TERRITORIAL ENQUANTO PRÁTICA
PEDAGÓGICA DIFERENCIADA**

BELO HORIZONTE
2023

MARICÉIA MEIRELLES GUEDES / AHNÃ PATAXÒ

**INTERCÂMBIO CULTURAL E TERRITORIAL ENQUANTO PRÁTICA
PEDAGÓGICA DIFERENCIADA**

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para Obtenção do grau de licenciado em Ciências da Vida e da Natureza.

Orientadora: Profa. Dra. Marina de Lima Tavares.

Coorientador: Prof. Me. Ângelo Santos do Carmo

**BELO HORIZONTE - MG
2023**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força e coragem para conseguir trilhar mais um caminho em minha vida, o caminho do conhecimento para ajudar meu povo nos movimentos e lutas, aos meus pais (*in memoriam*) que mesmo não tendo a oportunidade de frequentarem uma escola, sabiam a necessidade e a importância dos estudos para nós darmos continuidade nas lutas que enfrentaríamos no futuro, tanto na vida pessoal como na vida coletiva. Chegar a essa etapa da minha vida é comemorar uma conquista coletiva, um sonho meu, dos meus pais, da minha família e do nosso povo.

Agradeço a meu esposo por estar sempre me apoiando e ser o meu coorientador que sempre me incentivou a estudar, aos meus filhos por entenderem a minha ausência em cada módulo e módulo, aos meus irmãos que após ancestralidade dos nossos pais sempre estivemos juntos, nos apoiando e nos fortalecendo em todos os momentos.

Aos colegas de trabalho, a comunidade, ao Grupo de Cultura da Aldeia Velha que foi fundamental para ajudar o intercâmbio acontecer. A cada liderança dos territórios visitados, que com paciência e carinho abriram a sua comunidade para nos receber e de forma direta e indireta contribuíram muito em minha pesquisa comunidade escolar de Aldeia Velha, sobretudo os que mergulharam nesse projeto conosco, cada pessoa que contribui gentilmente com seus depoimentos.

Aos professores do FIEI que tem tanto carinho e paciência em nos ensinar e nos acolhem com muita atenção quando estamos fora dos nossos territórios, a todos os bolsistas que passaram no decorrer dos nossos estudos, foram de fundamental importância para o nosso avanço dentro da universidade.

A coordenação do FIEI pela agilidade e rapidez das informações, agradeço a minha orientadora pela paciência, aos colegas das turmas pela companhia e o incentivo a permanecer firmes nessa trajetória que não foi fácil, agradeço carinhosamente a Luciana do administrativo do FIEI pois é uma pessoa que sempre esteve pronta para nos orientar em todos os momentos que estávamos desorientados aí na universidade em relação as documentações necessárias do curso.

RESUMO

A presente pesquisa tem enquanto objetivo geral apresentar o Projeto Intercâmbio Intercultural e Cultural como possibilidade de trabalhar as especificidades culturais e sociais do povo Pataxó. Sua metodologia tem uma perspectiva etnográfica e teve como base a nossa própria vivência e observação do projeto ao longo de sua execução. Desenvolvemos também um questionário que foi aplicado a alguns envolvidos no projeto de forma aberta possibilitando enriquecimento para a sistematização da pesquisa. Analisamos ainda, como fonte de pesquisa, os inúmeros documentários, vídeos, imagens e áudios produzidos ao longo dos intercâmbios, assim como materiais e experiências produzidas nos projetos pedagógicos do percurso do FIEI objetivando trazer as experiências das práticas realizadas neste período pandêmico. O trabalho foi organizado em quatro momentos. No primeiro momento (Capítulo 1) apresentamos a trajetória da pesquisadora e seu envolvimento no movimento indígena e educação escolar indígena, bem como as inquietações que levaram a pesquisar a referida temática. Posteriormente fizemos uma contextualização da escola e comunidade da Aldeia Velha e suas implicações na pesquisa. No segundo momento (Capítulo 2) relatamos as experiências dos intercâmbios a partir de sua iniciação no ano letivo de 2013 até o ano de 2019, anterior ao período pandêmico, abordando os aspectos, sociais e culturais enquanto prática pedagógica diferenciada da EIPAV. No terceiro momento (Capítulo 3) apresentamos como a comunidade escolar e o projeto do Intercâmbio superou os impactos da Pandemia de COVID-19 (anos letivos de 2020 e 2021) e os projetos alternativos desenvolvidos, que buscaram propiciar uma prática pedagógica diferenciada nas aulas. Nesta fase fui bolsista de graduação pela UFMG, atuei no projeto de extensão “Conhecimento e Divulgação Científica nos Territórios dos Estudantes Indígenas do FIEI em tempos de pandemia de COVID-19”, contemplado pelo Edital de Fomento de Bolsas de Extensão para Programas e Projetos de Extensão (EDITAL PROEX n.º. 01/2020), e desenvolvi o trabalho “A Comunidade Indígena Pataxó de Aldeia Velha e os desafios e ações coletivas em tempos de pandemia”. Esse projeto de extensão aconteceu ao mesmo tempo em que estudava no FIEI e desenvolvia atividades de estágio, que envolveram a realização de experiências práticas na escola no período pandêmico. No quarto momento (Capítulo 4) desse trabalho, abordamos como a comunidade escolar vem retomando o projeto do intercâmbio “pós pandemia”, ou seja, após a vacinação da população indígena e em geral e a diminuição da incidência e mortes por COVID-19 no Brasil, relatando a experiência dos intercâmbios nas aldeias indígenas do município de Prado nos territórios indígenas de Barra Velha, Comexatibá e Águas Belas. Concluimos que foi uma experiência exitosa de práticas pedagógicas com os próprios processos de ensino e aprendizagem de uma educação escolar indígena específica e diferenciada que rompe com a perspectiva de escola eurocêntrica e colonialista.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Localização da T.I Aldeia Velha.....	17
Imagem 2 – Cabana onde ocorreu o seminário.....	20
Imagem 3 – Alunos fazendo apresentação cultural no evento.....	23
Imagem 4 – Artesão produzindo artesanato e o animal que faz o transporte, o jumento.....	25
Imagem 5 – Alunos seguem de Guaxuma à Nova Esperança, ambas ficam as margens da BR 101.....	27
Imagem 6 – Imagem da Escola Guaxuma e o muro em seu entorno.....	28
Imagem 7 – Alunos passeando de Barco e nadando no rio entre Bugigão e a ponta do Corumbau.....	34
Imagem 8 – Motor utilizado para gerar energia em alguma localidade da Aldeia e o poço utilizado pelos moradores.....	35
Imagem 9 – Alunos visitando Tururim.....	37
Imagem 10 – Alunos entrevistando Parmiro e Albino.....	38
Imagem 11 – Mapas das Aldeias Pataxó com Escolas Indígenas no Município de Porto Seguro.....	39
Imagem 12 – Cestas básicas recebidas pela Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha, pela associação filhos do céu.....	42
Imagem 13 – Apoio de alimentos e lanches para crianças, recebidos pela Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha.....	42
Imagem 14 – Desenho de crianças empinando pipas.....	47
Imagem 15 – Desenho de crianças brincando de esconde – esconde.....	48
Imagem 16 – Desenhos de crianças da comunidade brincando de pau no litro.....	49
Imagem 17 – Desenhos de crianças da comunidade brincando de queimada ou baleado.....	50
Imagem 18 – Desenho de crianças da comunidade brincando de carta.....	52
Imagem 19 – Desenhos de crianças da comunidade brincando de passa bandeira.....	53
Imagem 20 – Desenho de crianças da comunidade brincando de uno.....	54
Imagem 21 – Desenho de crianças da comunidade brincando de chute o litro.....	55
Imagem 22 – Mapa Etnográfico da TI Aldeia Velha.....	58

Imagem 23 – Alunos, professores e lideranças se organizando para a aula de campo, caminhada na Reserva da Aldeia Velha.....	58
Imagem 24 – Roças de plantio que fica entre a reserva e as moradias da comunidade.....	59
Imagem 25 – Vestígios das primeiras moradias quando iniciou a segunda retomada (1998) no entorno da atual Reserva da Aldeia.....	60
Imagem 26 – Nascente próximo a reserva utilizada pelos moradores no início da retomada (1998), conservada até os dias atuais. Em suas proximidades uma árvore secular.....	61
Imagem 27 – Alunas no centro da reserva, local onde os parentes fazem apresentações culturais e exposição de artesanato.....	62
Imagem 28 – Local onde fica o nosso sambaqui com imagem de algumas ostras.....	63
Imagem 29 – Alunos e professores ouvindo um dos moradores mais velhos falando sobre a importância do Sambaqui.....	64
Imagem 30 – Registro da caminhada dos alunos retornando do Sambaqui para a escola pela parte baixa, onde puderam tomar um banho numa lagoa.....	64
Imagem 31 – Alunos descansando e ouvindo o ancião falar sobre este local conhecido como Porto de Dió, lugar os parentes atracaram para fazer a retomada.....	65
Imagem 32 – Alunos e professor realizando um trabalho de campo no mangue da comunidade.....	66
Imagem 33 – Portal de entrada da Reserva da Jaqueira.....	71
Imagem 34 – Alunos armando as barracas no fundo da Escola da Jaqueira.....	72
Imagem 35 – Medicina tradicional e awê de celebração.....	73
Imagem 36 – Cerimônia do batizado.....	75
Imagem 37 – Alunos e professora no Aragwaksã.....	76
Imagem 38 – Escola da Aldeia Craveiro.....	78
Imagem 39 – Alunos ouvindo palestra do ancião no Craveiro.....	79
Imagem 40 – Horta medicinal da Escola Corumbauzinho.....	80
Imagem 41 – Escola Corumbauzinho.....	81
Imagem 42 – Colégio Tawá.....	82
Imagem 43 – Barra do Cahy.....	83
Imagem 44 – Alunos gravando palestras dos anciãos.....	85
Imagem 45 – Escola da Águas Belas.....	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AISAN – Agente Indígena Sanitário

BA – Bahia

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

CONAFER – Confederação Nacional de Reforma Agrária

COVID-19 – *Coronavirus disease 2019*

CPF – Cadastro de Pessoas Físicas

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

CRSB – Coordenação Regional do Sul da Bahia

CTL – Coordenação Técnica Local

DF – Distrito Federal

EIPAV – Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha

FIEI – Formação Intercultural para Educadores Indígenas

FINPAT – Federação dos Indígenas Pataxó e Tupinambá

IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

LINTER – Licenciatura Intercultural Indígena

ONG – Organização não governamental

PROEX – Pró-Reitoria de Extensão

SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SEDUC – Secretaria Estadual de Educação

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

T.I – Terra indígena

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA, DA PESQUISADORA E SUA COMUNIDADE E OS CAMINHOS PARA SEU DESENVOLVIMENTO.....	12
1.1. Sobre a pesquisa.....	2
1.2. Sobre a autora e a importância das Práticas Pedagógicas Diferenciadas.....	14
1.3. Caracterização da Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha.....	17
CAPÍTULO 2 – RELATOS DE INTERCÂMBIOS CULTURAIS REALIZADOS ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2019.....	19
2.1. Intercambio Intercultural (2013) - Kadawê Pataxó, Marcha e Resistência Pataxó.....	19
2.2. Intercâmbio Intercultural (2016).....	23
2.3. Intercambio Intercultural (2018) – Aspectos de Guaxuma, Jitaí e Nova Esperança.....	27
2.4. Intercâmbio Aldeia Juerana (2017).....	30
2.5. Intercâmbio Aldeia Mãe (2015 e 2019).....	31
2.6. Considerações sobre essas vivências.....	36
CAPÍTULO 3 – ESCOLA INDÍGENA PATAXO ALDEIA VELHA EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	41
3. 1. Novas alternativas de aprendizagens.....	44
3.2. Desenvolvimento das Ações/Atividades Brincadeiras.....	47
3.2.1. Pipa ou Papagaio.....	47
3.2.2. Esconde, Esconde.....	48
3.2.3. Pau no Litro.....	49
3.2.4. Queimada ou Baleado.....	50
3.2.5. Carta.....	51
3.2.6. Passa Bandeira.....	52
3.2.7. Uno.....	53
3.2.8. Chuta Litro.....	55
3.2.9. Gude.....	56

3.2.10. Amarelinha.....	56
3.2.11. Pula Corda.....	56
3.3. Exploração do Território.....	49
CAPÍTULO 4 – INTERCÂMBIO 2023, PÓS VACINA.....	69
4.1. Reserva da Jaqueira.....	69
4.2. Intercâmbios nos territórios Barra Velha e Comexatibá (2023).....	76
4.2.1. Aldeia Craveiro.....	77
4.2.2. Aldeia Corumbauzinho.....	79
4.2.3. Comunidade Tawá.....	82
4.2.4. Comunidade Águas Belas.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	93

CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA, DA PESQUISADORA E SUA COMUNIDADE E OS CAMINHOS PARA SEU DESENVOLVIMENTO

1.1. Sobre a Pesquisa

A presente pesquisa apresenta a experiência do projeto pedagógico Intercâmbio Cultural e Territorial onde relatamos como se dá na prática uma educação diferenciada, intercultural, bilíngue e comunitária.

Seu objetivo geral é apresentar o Projeto Intercâmbio Intercultural e Cultural como possibilidade de trabalhar as especificidades culturais e sociais do povo Pataxó. Nos objetivos específicos propõe-se: 1) Apresentar um histórico do projeto a partir do relato de visitas a aldeias com estudantes da educação básica da comunidade pataxó de Aldeia Velha; 2) Socializar as experiências pedagógicas realizadas pela comunidade escolar de Aldeia Velha e o projeto do Intercâmbio no período pandêmico da COVID-19 e; 3) Relatar como a comunidade escolar vem retomando o projeto do intercâmbio “pós pandemia”.

Para relatar e refletir sobre esse projeto pedagógico optou-se por uma perspectiva etnográfica que teve como base a própria vivência da autora e sua observação do projeto ao longo de sua execução. Também foram desenvolvidos e aplicados questionários a alguns envolvidos no projeto, de forma aberta, possibilitando enriquecimento para a sistematização da pesquisa. Analisamos ainda, como fonte de pesquisa, os inúmeros documentários, vídeos, imagens e áudios produzidos ao longo dos intercâmbios, assim como materiais e experiências produzidas nos projetos pedagógicos do percurso do FIEI objetivando trazer as experiências das práticas realizadas neste período pandêmico.

A proposta de intercâmbio Intercultural e Cultural é desenvolvida através da vivência dos alunos, professores, lideranças e alguns integrantes do Grupo de Cultura, nas comunidades dos territórios Pataxó do município de Porto Seguro.

Os alunos, a partir das orientações dos professores, pesquisam as comunidades nos aspectos físicos, culturais e econômicos ao longo da trajetória escolar dos anos finais de modo a perceberem as questões específicas e diferenciadas das comunidades visitadas, bem como seus projetos societários no fortalecimento e afirmação da cultura e do território pataxó.

A inquietação que levou ao desenvolvimento do projeto, objeto dessa pesquisa, se deu nos primeiros dias de trabalho docente da autora no ano letivo de 2013 na Escola Indígena

Pataxó Aldeia Velha (EIPAV), quando estava lecionando as disciplinas de geografia e história para os alunos dos anos iniciais (6º ao 9º ano). Em meu primeiro dia de trabalho fiz algumas perguntas aos meus alunos dentre as quais queria saber quais comunidades Pataxó eles conheciam? A resposta foi que a maioria dos alunos não conhecia nenhuma comunidade, além da que eles moram. Depois perguntei quais líderes Pataxó eles conheciam? Para minha surpresa, a resposta foi que só conheciam as lideranças da Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha.

Vale salientar que a comunidade Aldeia Velha teve um contexto diferente em sua ocupação, na qual Silvino Lopes do Espírito Santo (cacique Ipê) junto com outras lideranças fizeram um trabalho de consciência e resgate dos indígenas não aldeados oriundos da aldeia mãe Barra Velha que saíram na época do fogo 51 e estavam morando nas regiões circunvizinhas, sobretudo de Arraial D'ajuda e Vale Verde, porque tinham receio de voltar para comunidades de origem em virtude do massacre do fogo de 51. Esta conscientização de seus direitos originários sobre o território desembocou na retomada da Comunidade da Aldeia Velha. Neste sentido, e esse um dos motivos dos alunos não conhecerem outras comunidades e lideranças Pataxó.

Ao deparar com essa realidade, lancei o desafio de criar um projeto pedagógico diferenciado que possibilitasse aos alunos conhecer outras comunidades e estudar seus contextos culturais, sociais, econômicos e territoriais. Pois, apesar de atualmente sermos cerca de vinte aldeias indígenas Pataxó no município de Porto Seguro, cada uma tem realidades diferentes e suas especificidades.

Este projeto é de suma importância para a comunidade escolar da EIPAV. Os envolvidos no projeto, que não tiveram a oportunidade de conhecer outras comunidades, irão: conhecer o território que faz parte de nossa história de vida e luta; ouvir as narrativas das lideranças, anciãs, pajés e caciques que lutaram e lutam pelo fortalecimento de nossa cultura e território; vivenciar práticas culturais nas diversas aldeias fortalecendo a coletividades e projeto do povo; praticar as modalidades esportivas tradicionais, os rituais e awê; e sistematizar os saberes tradicionais das diversas comunidades de forma interdisciplinar na educação escolar indígena.

Os docentes inovando, atualizando e fortalecendo suas práticas pedagógicas a partir de uma educação diferenciada e intercultural, promovem uma educação que perpassa as salas de aulas de forma tradicional, evidenciando que a nossa sala de aula é o nosso território e a biblioteca são os saberes e fazeres de nossos mais velhos, constituindo-se numa verdadeira biblioteca viva.

1.2. Sobre a autora e a importância das Práticas Pedagógicas Diferenciadas

Faz se necessário mencionar um pouco de minha trajetória de vida, pois a nossa educação indígena e educação escolar indígena estão intimamente ligadas aos projetos societários de luta e protagonismo do povo pataxó, bem como a relação do território e as questões de reafirmação cultural por uma educação diferenciada.

Meu nome é Maricéia Meirelles Guedes (Ahnã Pataxó), nasci no rio Palmeiras, no dia 14 de dezembro de 1979, de forma tradicional e minha mãe deu à luz através do auxílio de uma parteira. Este rio fica localizado no território da Aldeia Indígena Pataxó de Águas Belas, Município de Prado - BA. Meus pais são indígenas da etnia Pataxó, ambos são da região do entorno do Monte Pascoal, tenho quatro irmãos sendo duas mulheres e dois homens.

Vivi neste território até meus 16 anos de idade. Nesta fase de minha vida, mãe ficou doente e mudamos para a Aldeia de Coroa Vermelha. Morei na casa de uma tia e comecei a trabalhar em uma loja em Coroa Vermelha durante o dia e a noite vendia artesanato indígena na Praça da Bandeira em Porto Seguro juntamente com os meus pais, assim pude ajudar a sustentar a minha família.

Neste período acabei me casando e infelizmente ao mesmo tempo acabei perdendo a minha mãe, assim não pude mais trabalhar a noite, quem vinha era o meu pai, pois tinha que tomar conta de meu irmão mais novo que tinha apenas oito anos de idade.

No ano 1996 me casei e em 1997, fui mãe de meu primeiro filho (Tawá Wenderson Guedes) e para completar perdi meu emprego, sendo que o meu esposo era artesão indígena, então fiz uma pequena barraca ao lado da cruz em Coroa Vermelha onde foi realizada a primeira missa do Brasil e comecei a vender artesanato.

Ao vir para a Aldeia de Coroa Vermelha, deixei de frequentar a escola. No ano de 1998 retornei aos estudos na Escola Municipal Victurino da Purificação Figueiredo para concluir a sétima série. Depois tentei estudar nos dois anos seguintes e desisti, pois não havia condições de conciliar os estudos com o meu filho, pois não tinha quem o olhasse.

No ano 2000 tive meu segundo filho Romã (Luís Henrique Guedes) e após o seu nascimento, separei-me do pai dos meninos.

Nesta mesma época fizeram “o massacre dos 500 anos”, tiraram todas as barracas inclusive a minha, prometendo novas lojas, fizeram o comércio indígena onde recebi uma loja, sendo que o movimento não era o mesmo, o que vendia não dava para o meu sustento.

Como participava do grupo de cultura de Coroa Vermelha, comecei a viajar para outros Estados onde dançávamos apresentando a nossa cultura e vendíamos o nosso artesanato.

No período da alta temporada (2004/2005), manguitava nas praias de Arraial D'ajuda, onde conheci a Aldeia Velha e o cacique era Ipê, meu vizinho de loja em coroa vermelha quando tínhamos nossas barraquinhas, nesta época pagava aluguel em um pequeno quarto no bairro do Arraial, pois ficavam os três meses do verão trabalhando nesta localidade, foi quando Ipê me convidou a ficar na Aldeia Velha e acabei aceitando.

Em 2005 comecei a trabalhar no projeto Arte Educar uma parceria entre a Escola Indígena Pataxó da Aldeia Velha, coordenação Indígena de Educação do Município de Porto Seguro, TIM e o Governo do Estado da Bahia. Fui monitora na parte de dança indígena e esportes indígenas neste projeto no ano 2005 e 2006. Foi uma das primeiras conquistas em relação ao resgate e afirmação da cultura Pataxó da Aldeia Velha. O projeto inicialmente contemplava 40 crianças, entre 07 e 16 anos de idade, os meninos ficaram tão felizes que no final do projeto tinham 80 alunos.

A nossa comunidade tem uma grande área de floresta, na qual chamamos de Reserva da Aldeia, na qual Mangangá um morador da comunidade na época recebia pequenos grupos de visitantes (um trabalho de cunho pessoal), no entanto, não era voltado tanto para a questão da cultura, e simplesmente para uma trilha na mata atlântica na qual chegava à atual Reserva Indígena da Aldeia Velha e uma pequena palestra sobre os nossos antepassados.

Aproveitamos o trabalho e no ano de 2006, formamos um grupo juntamente com Paty Pataxó, Tapurumã, Pátxia e outros e então organizamos melhor os trabalhos e abrimos a Reserva Indígena Pataxó de Aldeia Velha, inclusive constituímos a associação de Etnoturismo (ano de fundação 2007) na qual estou na luta até hoje, fui secretária e continuo como associada.

Constituímos o Grupo de Cultura de Aldeia Velha, onde participamos de vários eventos e fazemos apresentações de nossa cultura, sobretudo o canto e a dança, nos municípios dentro e fora do estado. Este grupo de cultura que vem fazendo o trabalho de reafirmação cultural, sempre mantivemos parceria com os projetos sociais e culturais na EIPAV. No ano de 2010 por motivos de brigas internas na comunidade, as cabanas em que fazíamos a exposição de artesanatos e apresentação cultural foi criminosamente ateadas fogo, com isso ficamos desmotivados a fazermos os trabalhos de Etnoturismo da reserva.

Quando as cabanas da reserva foram queimadas, fui convidada por Soraia Perelo, para trabalhar na superintendência indígena de Porto Seguro, trabalhei 2011 e 2012, em 2013 participei do processo seletivo e voltei a trabalhar na minha Aldeia.

Em 2013 teve um processo seletivo municipal para contratação de professores, participei e fui uma das selecionadas, a partir de então comecei a trabalhar na Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha. Nessa imersão percebemos que ao ser um educador você ensina, mas aprende muito com seus alunos. Trabalhar em sala de aula é uma troca de experiências, pois existem a educação indígena que cada um de nós aprendemos com os familiares, o modo de fazer um artesanato e de lidar com a terra, aprendemos a respeitar a natureza, também aprendemos a importância da valorização da medicina natural, a importância de extrair os pigmentos para as pinturas corporais, e os significados das pinturas, tudo isso é um saber que as crianças, trazem consigo, a convivência diária fortalece estes conhecimentos.

Na escola temos valorizado estes conhecimentos, mas também temos a missão de apresentar outros conhecimentos de mundo, das áreas e componentes curriculares, nossos alunos têm muita liberdade na comunidade. Esses alunos trazem vários saberes para dentro da sala de aula, pois trabalhamos com filhos de pescadores, que conhecem muito as marés, as fases da lua, da pesca e como catar os mariscos, filhos e netos de pajés conhecedores das ervas, os filhos dos artesãos, que vem com os saberes dos grafismos, armamentos tradicionais, arquiteturas, os filhos dos agricultores que conhecem muito bem a culinária, os pratos tradicionais que aprendem em suas casas. Trazem também as brincadeiras de época, como empinarem pipas, cartas, pau no litro, bolinha de gude dentre outras brincadeiras. Podemos dizer que são conhecimento indígena que fazem uma junção com o conhecimento escolar indígena.

Depois de um ano atuando na docência, assumi a coordenação pedagógica da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, dos Anos Finais, com essa nova fase pude fortalecer ainda mais estes laços e contribuir com os trabalhos comunitários, pois a escola é o coração da comunidade, onde tudo é discutido, e a nossa responsabilidade aumenta ainda mais, com isso fortalecemos as ações da escola como os jogos Infanto-juvenil.

Neste projeto temos a oportunidade de trabalhar o fortalecimento da identidade de nossos alunos, quebramos barreira e preconceito em nosso município, pois nesse período fazemos um trabalho de apresentação das manifestações culturais indígenas nas escolas não indígena do município para arrecadar alimentos para o evento, ao tempo que os convidamos para participarem do evento estreitando o laço com a sociedade civil. Este evento é umas das ações mais esperadas da nossa escola, há uma grande expectativa dos alunos e visitantes, momentos que os alunos mostrarem o que temos de mais bonito através da nossa cultura.

Dentre essas experiências mencionadas, foi que fomos provocados a fazer o projeto do Intercambio Cultural e Territorial, pois diagnosticamos que nossos alunos, com vários

conhecimentos tradicionais, não conheciam outros territórios que fazem parte de nosso povo Pataxó.

1.3. Caracterização da Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha

A Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha fica localizada no município de Porto Seguro, no extremo sul da Bahia, há cerca de 750 quilômetros da capital baiana, a cidade de Salvador. A comunidade fica na Terra Indígena Aldeia Velha numa área de 2001 hectares.

Imagem 1: Localização da T.I Aldeia Velha



Fonte: Sites do Brasil, 2023, modificado pela autora.

De acordo com o Polo Base de Saúde Indígena de Porto Seguro, a comunidade contém cerca de 600 famílias com aproximadamente 2000 pessoas. As casas em sua maioria são feitas de alvenaria e cobertura de telha de cerâmica. A comunidade possui um pequeno posto de atendimento médico, um centro de cultura utilizado para fazer reunião comunitária. A escola da comunidade é de pequeno porte e atende alunos da Educação Infantil aos Anos Finais da Educação Básica, e de acordo com a diretora escolar, no ano letivo de 2022 foram matriculados 270 alunos.

De acordo com as informações que nos foram repassadas pela Associação Outras Tribos, as famílias sobrevivem da pesca (3%), produção e vendas de artesanatos (15%), exploração dos manguezais (2%), agricultura familiar (5%) servidores públicos (10%)

aposentados e pensionistas (10%) construção civil (25%) prestadores de serviços na rede hoteleira 30%.

A Aldeia tem cerca de 60% de seu território com matas de preservação ambiental, sendo uma parte utilizada por moradores para trabalharem com Etnoturismo. Temos cerca de cinco (05) quilômetros de manguezal e parte do rio Buranhém fica em nosso território. Desses locais são extraídos mariscos e peixes para sustento de algumas famílias.

CAPÍTULO 2 – RELATOS DE INTERCÂMBIOS CULTURAIS REALIZADOS ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2019

2.1. Intercambio Intercultural (2013) - Kadawê Pataxó, Marcha e Resistência Pataxó.

Ao ingressar no exercício da docência na Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, ao perceber que os alunos não conheciam outras comunidades, nem lideranças, além da sua própria aldeia me bateu uma angústia, foi quando surgiu essa ideia de fazer o projeto do intercâmbio.

Apresentar um contexto diferente do processo de ensino e aprendizagem para nossos alunos era uma ação de suma importância para a educação escolar indígena, porque geralmente utilizamos os diversos espaços de nosso território (Aldeia Velha) enquanto extensão da sala de aula.

Nós, professores indígenas, comumente falamos que a escola é todo o nosso território, os livros de história estão espalhados por todas as comunidades que são nossos anciãos (as), os verdadeiros conhecedores dos saberes e fazeres da nossa história. Neste contexto estaríamos de forma efetiva levando esta prática pedagógica para além de nossa TI, ampliando para o território Pataxó.

Quando estávamos idealizando o projeto pensando para qual comunidade irmos? Percebendo que estava acontecendo uma organização do movimento indígena Pataxó para um grande encontro, no marco da nossa história no Monte Pascoal, vi a ancestralidade nos ajudando a decidir a direção naquele momento. Tratava-se de evento muito importante para o povo Pataxó “A Marcha do Povo Pataxó”, que aconteceria na aldeia Pé do Monte no entorno do Monte Pascoal, onde estariam reunidas várias lideranças Pataxó, caciques, pajés, líderes de movimentos, lideranças tradicionais, representantes de instituições dentre outras. Daí começa a história do Intercambio Cultural e Territorial da Escola Indígena Pataxó Aldeia velha, sendo esse o nosso primeiro encontro.

O projeto foi bem desafiador para todos nós, professores, direção e coordenação, inicialmente só tínhamos a vontade de fazer de fato acontecer a ideia.

Dentre os desafios podemos citar:

- 1) Convencer e pedir permissão aos pais dos alunos (as) e deixar os seus filhos (as) irem conosco nessa aula de campo, porque iríamos ficar três dias fora de casa, sendo que a maioria era adolescente entre 12 a 15 anos de idade. Para permitir a ida de alguns alunos (as) tivemos que levar alguns pais para ajudar no acompanhamento deles.

- 2) Conseguir o ônibus para transportar os integrantes até a Aldeia Pé do Monte. Em virtude da distância (155 km), porque de acordo com o responsável do transporte escolar esses ônibus só poderiam circular na sede e/ou nas rotas pré-estabelecidas.

Diante dessa situação fizemos uma comissão junto com a Diretoria de Educação Escolar Indígena¹, conversamos com o responsável e conseguimos a liberação do transporte.

Buscar apoio para a alimentação (café da manhã, almoço e janta durante três dias) dos 50 participantes. Para tal, contamos com apoio do Grupo de Cultura da Aldeia Velha (este grupo sempre está apoiando as ações socioculturais da comunidade, doando recursos financeiros oriundos de suas apresentações culturais). Inclusive alguns integrantes do grupo nos acompanharam neste evento.

O Intercâmbio foi lindo, rico e maravilhoso. Tivemos a oportunidade de apresentar em um só momento a maioria das lideranças para os nossos alunos (as), eles também tiveram a oportunidade de subirem no Monte Pascoal (numa altitude de mais 1700 m), conheceram toda a comunidade indígena Pé do Monte, os parentes, participaram da reunião na qual as lideranças e parceiros presentes falavam da resistência do povo, e os anciãos contavam suas narrativas de luta, conheceram o marco da resistência que foi construído no Monte Pascoal no ano 2000.

Imagem 2: Cabana onde ocorreu o seminário.



Fonte: Ângelo Pataxó, 2013.

¹ Setor que fica na Secretária de Educação Municipal de Porto Seguro e faz a interlocução das questões administrativas com as escolas indígenas do município.

Durante os três dias ficamos acampados nesta comunidade, foram dias de muito aprendizado para todos nós, acreditamos que os alunos irão levar essa experiência para toda a vida.

Vale frisar que os alunos (as) participaram de toda organização do evento do início ao fim, acompanharam as dificuldades para conseguir tudo, desde os alimentos, o transporte e a autorização dos pais. É uma organização participativa e coletiva. Planejavamos conjuntamente o roteiro das aulas de campo de cada dia, bem como o cardápio.

No início, a escolha dos alunos era aleatória, pois tivemos muita dificuldade para os pais autorizarem suas idas ao intercâmbio, neste sentido levamos os que foram autorizados. Percebemos que os alunos (as) que foram liberados eram os que mais tinham reclamações de mau comportamento.

Diante a situação fizemos uma reunião com eles e falamos o quanto esse projeto era importante para a comunidade escolar, o qual teria que dar certo e nós éramos os protagonistas, neste momento nós organizadores estávamos confiando neles.

Durante o intercambio foi lindo, eles foram bastante comportados, no retorno para a comunidade, fizemos uns minutos de reflexão onde cada um falava sua experiência. Aí surge a ideia de um aluno, dizendo: “Professora por que não fazemos isso em nossa escola? Podemos fazer uns momentos com nossos pais e vamos falar com eles como foi nossa aula”, aí surge a ideia de fazermos o seminário temático do intercambio.

Ao chegarmos a nossa Comunidade/Escola, organizamos um seminário no qual os alunos iriam socializar suas experiências aos colegas que não foram, bem como os pais, lideranças e comunidade escolar a partir de temáticas.

O seminário também serviu como processo avaliativo com notas incluídas em seus boletins escolares. Esses seminários foram incorporados ao projeto de intercâmbio e os temas abordados foram: Território, Cultura, Meio Ambiente e Sustentabilidade.

Território

O primeiro ponto que os alunos relataram foi à distância entre a comunidade que moram (Aldeia Velha) e a Aldeia Pé do Monte, o percurso de 155 km na qual passam por duas cidades na BR 101 (Itabela e Eunápolis). Na oportunidade os professores explicavam questões territoriais, geográficas e históricas destes lugares que faziam parte de todo o território indígena.

Outro ponto apresentado foi a importância de subirem ao ponto mais alto do Monte Pascoal (altura de 1700 metros de altitude). Este monte foi o primeiro ponto avistado pelos colonizadores, ou melhor, invasores. A partir deste ponto pode se observar todo o território indígena no entorno do Monte, bem como outros lugares que hoje são ocupados por não indígenas.

Um dos alunos perguntou ao Cacique da Aldeia Pé do Monte, Oziel Santana (Katitu Pataxó) até onde eram as terras indígenas? E, o cacique respondeu - A nossa área vai até onde nossas vistas alcançam. Essa afirmação do cacique é de suma importância para esses jovens, saber que essas terras são tradicionalmente indígenas e boa parte delas foi ocupada por não indígenas. Essas vivências, permitem com que esses jovens estudantes indígenas conheçam seus territórios e a luta que as lideranças tradicionais fazem para manutenção desses territórios.

Também em suas apresentações os alunos relataram sobre as arquiteturas das casas, que em sua grande maioria são feitas de madeiras (as quais são retiradas na própria comunidade) e cobertura de telha de amianto. E, que na Aldeia Velha a maioria das casas é construída de alvenarias, lajotas, com cobertura de telhas de cerâmica.

Sustentabilidade

Em relação à sustentabilidade os alunos relataram que a comunidade desenvolve agricultura familiar. Fazem plantações de pimenta cominho, (observaram que são plantados usando estacas vivas para eles desenvolverem, subindo nas mesmas), cultivam bananeiras, pés de cacau, dentre outras plantações. Perceberam também criação de galinhas.

A comunidade também trabalha com Etnoturismo. Muitos turistas vêm para subir no Monte Pascoal. Com isso os moradores produzem artesanatos, sobretudo, de sementes e penas de aves, os quais são vendidos aos visitantes, se tornando um dos meios de sobrevivência de algumas famílias. Uma parcela muito pequena de famílias trabalha em serviços públicos.

Um dos alunos disse que a Aldeia Pé do Monte é distante da praia e não tem rios próximos. Diferente de nossa Aldeia Velha, que a praia fica perto e temos o rio Buranhém, que parte dele fica em nosso território, temos uma boa parte mangue.

Meio Ambiente

Uma situação que chamou à atenção dos alunos foi que nesta época (2013) não havia energia elétrica na comunidade (isto se deu em virtude de ser uma área do Parque Nacional do Monte Pascoal, e por isso havia um impasse para a instalação na comunidade). Sem energia elétrica, durante as três noites de estadia os alunos fizeram uma fogueira e ficaram ouvindo histórias das lideranças e professores, sobre as histórias de luta e da cultura Pataxó.

Os alunos observaram que na comunidade tem pouco barulho de sons (obviamente por não ter energia), os espaços contêm pouco ou quase nada de lixos, e o local é muito bem preservado em sua vegetação nativa.

Nesta comunidade é feita uma gestão compartilhada, na qual tem a sede do Instituto Chico Mendes – ICMBIO. Um aluno relata que ao conversar com o morador, o mesmo afirma que: Os indígenas são vigiados o tempo todo, que até para pegar uma lenha para o uso doméstico são fiscalizados. O local de agricultura utilizado pelos indígenas é em áreas abertas, as quais já haviam sofrido com desmatamentos e queimadas.

Cultura

Em relação à cultura, os alunos observaram que há uma variação linguística em relação à língua materna, o Patxôhã. Quando o professor da Escola Pé do Monte, junto com alguns alunos, fez uma apresentação com o awê (canto e dança), perceberam que eles cantam a melodia diferente nas músicas em relação à Aldeia Velha. Também em relação ao toque do maracá, o bater do pé dos integrantes que estavam apresentando, as pinturas corporais são bem diferentes da nossa comunidade.

Figura 3: Alunos fazendo apresentação cultural no evento



Fonte: Ângelo Pataxó, 2013.

Neste primeiro intercâmbio visitamos uma única comunidade indígena, que foi a Aldeia Pé do Monte. Nos demais intercâmbios nos organizamos de forma que pudéssemos ficar numa aldeia como se fosse a nossa base, nela montávamos nossas barracas e planejávamos um roteiro de organização de pesquisa/vivência a qual fazíamos durante o primeiro dia e pernoitávamos. Nos dias subsequentes íamos visitar as aldeias próximas de forma que os alunos pudessem conhecer ao máximo as aldeias indígenas Pataxó.

2.2. Intercâmbio Intercultural (2016)

Nesta edição fomos às comunidades que ficam nas proximidades do Monte Pascoal, nas Aldeias de Boca da Mata, Córrego da Cassiana, Tupiniquins e Meio da Mata. Para visitar essas aldeias ficamos por quatro (04) dias e fomos com uma equipe de cinquenta (50) pessoas entre professores, alunos, pais, membros do grupo de cultura e lideranças. Nos alojamos na Escola da Aldeia Boca da Mata, onde montamos nossas barracas. Boca da Mata fica distante de Aldeia Velha, o acesso se dá através da BR 101, atravessando os municípios de Eunápolis e Itabela. Percorremos cento e vinte (120) quilômetros com estrada de asfalto. Depois mais vinte e cinco (25) quilômetros de estradas de chão com algumas ladeiras íngremes (que em tempos de chuva o acesso fica inviável).

Na Aldeia Boca da Mata tem um prédio escolar construído pelo governo do Estado da Bahia que foi cedido para o Município, ou seja, é uma escola municipal. Também há um prédio menor construído pelos órgãos municipais.

Existe um posto de saúde administrado pela SESAI, assim como o abastecimento de água e o saneamento. Boca da Mata é uma das maiores Aldeia Pataxó do município de Porto Seguro com aproximadamente 400 famílias.

De acordo com o relato dos alunos as famílias exploram bastantes as atividades agrícolas e produção de artesanatos. Há plantações de banana, pimenta de cominho, hortaliças, frutas e verduras. Contudo, a maioria é para consumo interno.

O artesanato mais explorado é de matéria prima das madeiras, percebe-se que em vários quintais há pequenas oficinas artesanais que produzem colheres de pau, tabuas para cortar carne, peças de torno e gamelas. Contudo, a venda desses artesanatos na maioria das vezes se dá na própria aldeia, em virtude do difícil acesso e falta de transporte dos artesãos. Os atravessadores compram as mercadorias com preço baixo, inclusive chegam a trocar por

mantimentos com algumas famílias indígenas e vendem em outras comunidades com preços altos.

Imagem 4: Artesão produzindo artesanato e o animal que faz o transporte, o jumento.



Fonte: Arquivo do projeto, 2016.

Entrevistamos algumas pessoas que participaram do intercâmbio entre alunos, professores, lideranças, mães e/ou responsáveis, para sabermos suas opiniões sobre o projeto, uma mãe de alunos ela relata a experiência de ter ido a Boca da Mata e a importância do projeto para a escola, alunos, comunidade e lideranças, segue o depoimento:

Achei incrível a minha participação no intercâmbio e um projeto lindo, é muito rico, acho que engrandece muito as crianças, para eles terem outra visão das comunidades, da vivência do nosso povo, porque temos muitas aldeias mais isoladas, com muitas dificuldades dos parentes de manter a cultura, o trabalho também como foi lá em Boca da Mata. Para mim foi sensacional vimos as gamelas que são produzidas. Vimos os parentes fazerem na hora, então eles mantêm ainda está cultura, isso foi bom para os alunos verem que nós estamos no meio do centro urbano e que nós também temos o impacto de tudo, mas assim, foi triste ver os parentes de Boca da Mata que trabalha e parece um trabalho escravo, troca o trabalho dele por comida na mercearia, foi uma observação minha conversando com eles e perguntava. Muitos desses artesãos me disseram que trocavam nas mercearias por alimentos para sustento da família, pois não conseguem tirar os materiais produzidos por eles da aldeia para venderem em outros lugares, pois não tem transportes e as estradas são ruins e muito difíceis. Essa parte pra mim foi muito triste, por saber que o nosso povo ainda sofre com esse impacto da exploração este foi o ponto triste, mas vimos um ponto forte na cultura fortalecida, com tudo isso não tem como as crianças não aprenderem, nas rodas de conversas, nos rituais e uma grande interação, a participação dos alunos no samba de roda, que eu nem sabia que existia mais e olha que já sou velha uma coisa que vi quando criança e em Boca da Mata ainda tem, vi e participei com os alunos, foi uma emoção muito grande, foi a coisa mais linda. Neste intercâmbio fui representando as mães da Escola da Aldeia Velha, meus dois filhos, Monalisa e Pitoroco participaram e foi muito rico, sou grata em poder ter participado, hoje estou trabalhando fora da aldeia, mas se precisar de qualquer apoio conte comigo, com minha família, espero que esse intercâmbio nas comunidades continue que a escola se fortaleça. Aliás, precisa dar continuidade, pois muitas gentes da nossa comunidade tiveram a oportunidade de conhecer outras aldeias, outros parentes através deste projeto. Eu e meus filhos tivemos esta

oportunidade e acredito que outras pessoas possam conhecer outras aldeias e estar com outros parentes, o aprendizado é muito grande acredito que não só para os alunos, mas para todos nós pais, professores e também as nossas lideranças (Inês da Silva, informação verbal, 2022).

Foi muito importante para os jovens refletirem sobre os desafios de lutar pelos direitos indígenas. E, também da força da espiritualidade da cosmologia que usamos através de nossos rituais. Itucuri, professor e liderança da Aldeia Boca da Mata, fala aos alunos a importância de se envolver no movimento. E fala da experiência quando foi à Brasília – DF, reivindicar a ampliação do Território Barra Velha. Nos conta que no primeiro dia de movimento foi preso com outros parentes Tupinambá e ficou durante cinco dias. Enquanto estava preso, os demais companheiros que estavam do lado de fora ficaram cantando e dançando o Awê. Ele fala o seguinte:

Através do Awê afirmamos nossa cultura e invocamos a espiritualidade. Os parentes invocaram a ancestralidade através do ritual e da espiritualidade, e nós na prisão rezávamos para as coisas se resolverem naquele lugar e a gente sentiu que a natureza estava o nosso favor. Quando as pessoas que estavam lá fora batiam o pé, o maracá, era um ritual pesado que a energia elétrica lá da câmara dos deputados foi embora ficou três dias sem funcionar nada, é coisa que acontece para a gente ver que a natureza está do lado da gente, para que a gente acredite mais no nosso Awê, precisamos levar a luta da gente com mais seriedade e precisamos daquela energia em toda a ocasião. Graças a Deus com apoio da FUNAI, o advogado do CIMI e com apoio de alguns políticos nós conseguimos sair daquele lugar (prisão). Os parentes já tinham vindo embora, chegamos uma semana depois. E coisa que a gente vê nossos caciques nossas lideranças lutando e muitas pessoas acham que só eles que tem por obrigação de lutar por nós, mas não é. Estas lutas são objetivos de todos, quando você estiver um pouco mais velho com 17, 18 anos, vocês nunca fujam da luta. Acredito que muitos aqui nunca participaram de uma retomada de uma ocupação, no momento que vocês participarem, vocês irão pegar uma experiência, vocês vão sentir falta quando não estiverem na luta, se vocês já participaram, vocês vão ter uma história forte bonita para contar. É, e isso aí” (Itucuri Pataxó, informação verbal, 2019).

No segundo dia do intercâmbio, fomos a Aldeia Córrego da Cassiana, que fica a 07 quilômetros de Boca da Mata comunidade também explora a produção do artesanato de madeira. Os alunos visitaram algumas oficinas de artesanato para ver como se dá a produção de algumas peças artesanais.

Os alunos tiveram a oportunidade de visitar alguns anciãos, a escola, e lideranças locais. Os parentes contaram aos discentes um pouco da história de luta da comunidade.

No terceiro dia fomos conhecer a Aldeia Meio da Mata, nesta comunidade não ficamos por muito tempo, pois é uma aldeia pequena e não encontramos as lideranças para dialogarmos e apresentar a comunidade, então foi uma breve visita, essas comunidades ficam distante das praias, ficam mais para o centro da mata.

Nestas comunidades visitadas, a agropecuária e o artesanato de madeira são as atividades mais exploradas, existe uma produção significativa de colheres de pau, gamelas. Alguns parentes trabalham nos serviços públicos na área da educação e saúde. Essas Aldeias são reserva de mata fechada, tem rios que cortam o território e fazem parte da Terra Indígena de Barra Velha. Essas comunidades têm mais dificuldades de acesso a cidade, existe apenas um transporte coletivo que sai pela manhã e retorna à tarde.

2.3. Intercambio Intercultural – 2018. – Aspectos de Guaxuma, Jitaí E Nova Esperança

As aldeias visitadas neste intercâmbio fazem parte das Terras Indígenas de Barra Velha e fazem limites com a BR 101. Aldeia Tinguí do Guaxuma, Aldeia Nova Esperança e Aldeia Jitai. Ficamos por quatro (04) neste território, onde no primeiro dia, acampamos na Aldeia Guaxuma e nos dias seguintes fomos conhecer as Aldeias Nova Esperança e Aldeia Jitaí.

Imagem 5: Os alunos seguem de Guaxuma à Nova Esperança, ambas ficam as margens da BR 101.



Fonte: Arquivo do projeto, 2018.

A comunidade Indígena Pataxó do Guaxuma, tem apenas 45 famílias. Em seu espaço físico tem uma Escola administrada pelo governo municipal que atende alunos da Educação Infantil aos Anos Finais. Atualmente, e a única escola murada das comunidades do município, de acordo com as lideranças o motivo de construírem é a segurança, sendo um dos motivos, de estar próxima a BR 101.

Imagem 6: Imagem da Escola Guaxuma e o muro em seu entorno



Fonte: Arquivo do projeto, 2018.

A economia da aldeia baseia-se na agricultura de subsistência, encontramos plantações de mandioca, bananeiras e milho. Os moradores também criam animais de porte como gado, galinha e porcos, fabricam artesanatos, sobretudo de madeira e comercializam em pequenas cabanas construídas ao longo da BR.

Alguns moradores são servidores público da escola e tem um AISAN (Agente Indígena Sanitário) que presta serviços à SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena).

Lenílson Oliveira, coordenador da Escola Indígena Pataxó Tíngui do Guaxuma, fala da experiência de nos acompanhar no território Barra Velha nas aldeias Nova Esperança, Guaxuma e Jitaí.

Foi bem legal, a gente andar aqui pela comunidade e às vezes não temos o olhar que as pessoas de fora têm, então quando a gente vai passando assim com outras pessoas a gente observa muitos detalhes que nossa própria comunidade tem. O exemplo do rio, que está se acabando com o plantio de eucalipto, estamos aqui vendo acabar aos poucos. Voltamos às recordações, vendo como o rio era, e como está agora, falando aqui para vocês, era um rio grande e agora está praticamente sem água. Recebendo vocês aqui para visitar, vem essa recordação e está sendo muito importante a vinda do pessoal de Aldeia Velha para cá. Podemos conhecer as crianças de lá, e os de lá conheceram os daqui, criam um laço mais forte. Podendo fazer sua própria experiência andando aqui pelo nosso território, caminhando aqui pela Aldeia Guaxuma e Nova Esperança conhecendo um pouco mais do nosso território. Essa parte do outro lado, que fica ao extremo, ao oposto do oceano que também faz parte da TI Barra Velha. Ele afirma que a escola quando foi construída em 2006, não houve participação da comunidade na construção da planta do planejamento da escola. Devido o fato de ter muitos animais, que entravam e quebravam a cerca não tinha muita segurança, os animais acabavam entrando e ficavam muito próximo da escola nos dias de aula. Alguns animais eram da comunidade, outros não, pois aqui é perto da BR 101, e não tinha segurança nenhuma, daí tiverem a ideia de murarem por causa disso. Mas, nossa ideia agora é fazer um muro mais baixo para melhorar a ventilação e não esconder a escola. Aí a gente está quebrando partes do muro colocando grades né para ter uma melhor visibilidade e manter a segurança. Nossa ideia mesmo era tirar muro, mas tem a questão de muitos animais e pelo fato de

estarmos muito perto da pista acreditamos que o muro é uma forma de proteger os bens da escola. Este intercâmbio foi muito importante porque não só as crianças da nossa escola/aldeia conheceram as crianças da Aldeia Velha, e as crianças de lá conhecer as daqui. Mas, as outras pessoas da comunidade conheceram os parentes. Apesar de morar no mesmo território, muitos ainda não conhecem todas as pessoas e as aldeias, então quando vocês vieram aqui adquirimos muitos aprendizados, mesmo sendo do mesmo povo, temos costumes diferentes, realidades diferentes, temos muitas comunidades com situação mais urbana, outras mais distantes do centro urbano, tudo com seu modo de vida diferente. Receber os parentes aqui na nossa escola foi uma troca de conhecimentos de experiências (Lenilson Oliveira, informação verbal, 2019).

Os alunos conversaram um pouco com o cacique da comunidade Sivaldo Pataxó, ele fala da alegria e importância para sua comunidade.

Olha esse intercâmbio foi muito bom para nós, foi muito rico para nosso povo para nossa comunidade, ficamos muito felizes em receber os parentes de outras comunidades em nossa aldeia. E sentimos muito bem, e sinceramente a gente aprendemos muita coisa importante com todos, com os professores, vendo quantos estudantes aqui pesquisando conosco, que eu tenho a dizer é agradecer que Deus abençoe a cada um de vocês professores, os alunos a equipe. Dizer para você que, a porta da comunidade estar sempre aberta para vocês tanto, eu com minha comunidade, todos os parentes gostamos muito. A nossa comunidade é assim, ela é simples, mas é muito humilde, mas estamos aqui de braços abertos com muito carinho para receber vocês e nosso muito obrigado. (Sivaldo Pataxó, cacique do Guaxuma, informação verbal, 2019).

A Aldeia Nova Esperanças contém 42 famílias tem as mesmas características de Guaxuma. É uma comunidade que foi retomada há pouco tempo (2012) a área antes era ocupada por plantação de eucalipto, os moradores da comunidade aos poucos foram construindo suas residências (inclusive a escola) e fazendo plantações.

Produzem artesanatos, sobretudo, de madeira e comercializam às margens da BR 101 em algumas cabanas.

A Aldeia Jitaí fica afastada da BR cerca de 10 quilômetros, é uma comunidade pequena com cerca de doze (12) famílias. Ao seu redor tem uma plantação de monocultura do eucalipto, e faz divisa com um assentamento do Movimento dos Sem Terras.

Neste relato, uma aluna comenta sobre uma característica dessas aldeias em que as escolas têm salas multisseriadas, a escola da Aldeia Velha é seriada, e, ela nunca tinha visto antes. Das 18 escolas indígenas de Porto Seguro, 13 contêm salas multisseriadas.

O meu primeiro intercambio foi em 2018, na Aldeia Guaxuma, Jitaí e Nova Esperança. Na Aldeia Guaxuma ficamos os três dias acampados. No segundo dia de intercambio nós fomos para Aldeia Nova Esperança. Lá vimos que as classes são juntas, o primeiro ano junto com o segundo ano e as outras classes também juntas, é muito diferente daqui, porque se colocar as classes juntas aqui não daria muito certo. No terceiro dia fomos para Aldeia Jitaí, tivemos que irmos de Kombi porque era

longe da Aldeia Guaxuma. Lá é uma comunidade bem pequena, a escola era feita de tábua, não tinha cozinha, nem banheiro e as classes também e tudo junto. Os moradores nos receberam com uma mesa de frutas e café, fomos muito bem recebidos, pela comunidade e o cacique Jurandi. Eu percebi que a Escola de Nova Esperança e Jitaí são de tábuas e quando chove não tem aula porque molha diferente da nossa escola (Miquele Almeida Silva, informação verbal, 2020).

Essas comunidades estão localizadas em uma área mais aberta, não contém rios e o abastecimento de água dá-se através de poços artesianos.

2.4. Intercâmbio Aldeia Juerana (2017)

Neste Intercâmbio fomos à Comunidade Indígena Juerana. Ela fica situada na Orla Norte da Cidade de Porto Seguro, distante da praia cerca de oito (08) quilômetros. Possui oitenta (80) famílias. A Cacica é uma mulher (Maria Dasdores – Yamãni Pataxó) por isso há uma presença muito forte de lideranças femininas.

E nessa comunidade tem uma escola municipal que atende alunos da Educação Infantil e Anos Iniciais.

Possui um posto de saúde com atendimento semanal e o abastecimento de água é através de poço artesiano, estes serviços são administrados pela SESAI.

A comunidade tem a referência na produção de alimento tradicional derivado da plantação da mandioca. Sua produção é vendida em outras comunidades, principalmente na Aldeia de Coroa Vermelha. Dentre os alimentos podemos destacar: Farinha de puba e de guerra, beiju, bolo de puba, goma (polvilho da mandioca) e bolo puba e tapioca.

Nesta aldeia encontramos o rio João de Tinga. Quando não havia poço artesiano, este rio que supria a comunidade em suas diversas atividades. No abastecimento das residências, lavagem de roupas e lazer para as crianças.

Dona Ana Nicácio liderança e servidora da Escola da comunidade fala sobre a importância do intercâmbio para a comunidade e povo Pataxó.

Eu gostaria que todas as escolas tivessem um trabalho deste que Ahnã faz. Ela é uma guerreira, e ela está de parabéns por organizar esse grupo para vim aqui para Aldeia Juerana. Espero que todos da escola e todos os alunos que participaram se capacite mais é mais. Os professores estão de parabéns, todos os alunos e contêm sempre comigo. É, mais um dia em minha casa estou servindo um café da manhã para vocês. Os alunos me surpreenderam, pois quando chegaram aqui colocaram a mão na massa mesmo, arrancaram a mandioca, tiraram goma, ajudaram no prepara dos bolos, então estou aqui para dizer que estão de parabéns. Eu os espero aqui outros

dias, que esse intercâmbio seja o primeiro de muitos. Espero que esse trabalho possa ser divulgado mostrando para o Brasil, que possa mostrar para todos as aldeias, que nós podemos mostrar o que somos capaz é fazer diferença e mostrar que somos capaz é pegar os alunos de uma comunidade e levar para outro lugar, para outra comunidade e mostrou dia-a-dia de outras aldeias, de outros irmãos, de outros parentes, que muito não conhece. Muitos professores ficam no quadro e sala de aula, e sala de aula não aprende tanto, mas, no campo aprendi muito mais do nosso dia a dia, da nossa cultura, a nossa luta é isso que é importante ficar na memória de cada aluno, precisamos de mais aula assim, vão aprender mais e não vão esquecer, irão vivenciar um pouco da nossa cultura, no quadro não vai aprender, é não vai mostrar e ver outros irmãos (Ana Nicácio, informação verbal, 2019).

2.5. Intercâmbio – Aldeia Mãe (2015 e 2019)

A Aldeia Barra Velha é considerada a Aldeia mãe, por ser o primeiro aldeamento Pataxó criado através de um decreto estadual em 1861. A Terra Indígena Barra Velha possui várias aldeias e visitamos a maioria em nossos intercâmbios.

Nas proximidades da Aldeia Barra Velha foram criadas algumas extensões, as quais têm sua organização interna própria, ou seja, cacique e comissão de lideranças. Por dois momentos distintos (2015 e 2019) visitamos essas comunidades, a saber: Aldeia Barra Velha, Aldeia Xandó, Aldeia Pará e Aldeia Bugigão. Nestes depoimentos as alunas descrevem as principais características de três comunidades visitadas no intercâmbio de 2019, a partir de suas vivências.

Este foi o meu segundo intercâmbio, neste tive a oportunidade de conhecer três aldeias. Aldeia Mãe que é Barra Velha, Bugigão e Pará. Com isso pude conhecer mais um pouco da cultura deles e se interagir. **Aldeia Pará:** Tive a oportunidade de conhecer dona Conceição e seu Luiz. No Pará tem uma escola, mas, foi desativada há muito tempo. As casas da aldeia e longe das outras, participamos do awê. Seu Luiz e dona Conceição contaram a história da aldeia Pará, para nós. **Aldeia Bugigão:** A maioria das casas do Bugigão é de tábuas, e não tem pajé, nem posto de saúde. Mas, tem cacique, o nome dele é John Lennon. Eu também percebi que não tem um centro cultural, mas tem uma área para poder dançar e cantar o awê. **Barra Velha:** Tive oportunidade conhecer o pajé Albino e dona Maria. Quando chegamos em Barra Velha fomos recebidos pelos alunos do 9º ano e pelos professores eu percebi que a escola pode entrar e não com roupa adequada (Nicolly Silva, informação verbal, 2020).

Este intercâmbio foi o meu primeiro, gostei bastante, a aldeia que eu mais gostei foi aldeia Bugigão, lá o que mais me chamou a atenção foi o tamanho da escola, ela e bem menor que escola daqui, mas já a de Barra Velha é bem maior. Já na Aldeia Pará não tem escola, eu gostei bastante do intercâmbio aprendi várias coisas importantes da nossa história. Sempre escutei falando que o intercâmbio era muito legal, muito divertido então quanto tive a oportunidade fui. Foi muito difícil conseguir o transporte, as comidas, mas as pessoas que foram com a gente para o intercâmbio fizeram de tudo para acontecer. O roteiro das três aldeias foi bem

divertido, no Bugigão as cozinheiras e as crianças fizeram os pratos maravilhosos, enfim foi incrível. (Milena Pataxó, informação verbal, 2019).

Barra Velha fica situada entre os rios Corumbau e Caraíva. É umas das maiores aldeias do município possui cerca de oitocentos (800) famílias. Tem uma boa estrutura física, com uma Escola no Centro da Aldeia que foi construída pelo Estado da Bahia e uma extensão nas proximidades construída pelo município, contudo, sua administração é municipal. Atende alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Existe uma Coordenação Técnica Local – CTL, da FUNAI com chefe de posto indígena o que facilita alguns atendimentos aos moradores. Contém um posto de saúde com atendimento contínuo de uma equipe administrada pela SESAI.

Em seu ambiente o território possui rios, área de lagoas, manguezais, doze (12) quilômetros de praias e área de mata atlântica.

Com isso a economia é diversificada, várias famílias vivem da pesca marinha, outras fazem exploração da agricultura de subsistência, algumas produzem artesanatos, principalmente das sementes de árvores locais (Tinguí, Marca Passo, Olho de Pombo, Juerana, Tendo, Pacari, Salsa da praia dentre outras).

Há também várias atividades ligadas ao turismo, os indígenas promovem passeios de Bugre, comercialização de artesanatos, prestação de serviços na rede hoteleira dos distritos de Caraíva e Corumbau. Além dos servidores públicos da área de saúde e educação.

Numa entrevista que fizemos com as alunas Kauna e Miquele, elas falam um pouco sobre o Intercâmbio na e comentam:

A Aldeia Barra velha, lá não gostei muito. Mas, até que foi legal o que mais gostei foi o awê, um ritual forte, eu nunca tinha ido a um intercambio tão bom como este, os outros foram bons, mas este foi melhor, vai ficar na memória. (Kaunã Pataxó, informação verbal, 2020).

No dia seguinte fomos para Aldeia Barra Velha nós não fomos recebidos muito bem, mas depois andamos, fomos na casa de um ancião chamado Palmiro ouvimos sua história de luta ele e um sobrevivente do massacre 51, à noite participamos da noite cultural, noite de lua cheia, depois que participamos do Awê ficou bem legal, eu não gostei muito de Barra velha pelo jeito que nos receberam, mas depois ficou melhor. (Miquele Almeida Silva, informação verbal, 2020).

A Aldeia Pará fica cerca de seis (06) quilômetros de Barra Velha numa área mais distante da praia. As famílias exploram a terra na agricultura familiar, artesanato e serviços públicos na área de saúde e educação.

Existe uma cosmologia muito forte em relação à cultura Pataxó principalmente com a família das matriarcas dona Coruja Pataxó e dona conceição (Jabuticaba Pataxó). Eles fizeram uma apresentação aos alunos que perceberam várias diferenças em relação ao Awê praticado na Aldeia Velha, eles têm uma conexão muito forte com os cantos, batem muito forte com o pé e a força no toque do maracá, a energia deles é contagiante, é diferente.

Neste relato alguns alunos falam sobre a noite cultural em que participaram na Aldeia Pará.

Ficamos na casa de dona Conceição e seu Luiz. A noite todos nós alunos, professores, participamos de um lindo luau que foi muito bom, aprendemos várias músicas antigas, logo depois do awê bebemos o cauim bem delicioso. Mais tarde fomos dormir. (Kaunã Pataxó, informação verbal, 2020).

Na Aldeia Pará as casas são longes umas das outras, as pessoas são bem legais, visitamos alguns anciãos ouvimos a história de luta da aldeia, à noite participamos da noite cultural, tomamos cauim. (Miquele Almeida Silva, informação verbal, 2020).

Fizemos uma entrevista com Lucas que já atuou como professor da língua materna Pataxó (Patxôhã) na Aldeia Para o qual recepcionou os alunos e falou sobre a importância do intercâmbio.

Este intercâmbio é muito importante para o nosso povo, para nós indígenas da Aldeia Velha/ Barra Velha e Pará, porque é o momento de a gente estar confraternizando com os nossos parentes, trocando conhecimento, e o momento muito prazeroso, fazendo nosso ritual com os nossos parentes é uma coisa muito forte que nós não podemos deixar acabar né, a nossa cultura que é muito importante para o nosso povo Pataxó. E um fortalecendo o outro ainda mais. Fortalecendo nossa cultura, o nosso eu, a nossa alma, nossa espiritualidade e o momento de celebração para todos nós. (Lucas Pataxó, informação verbal, 2019).

Também conversamos o cacique Ubiratan que nos recebeu muito bem, ele nos fala da importância do intercâmbio.

Sou cacique Ubiratã representante desta comunidade, aqui temos 53 famílias, estou muito feliz em receber vocês aqui na Comunidade Indígena Pataxó do Pará, TI Barra Velha. Professores, alunos jovens da Aldeia Velha né, que tiveram interesse de conhecer o território do povo Pataxó, conhecer os troncos do nosso povo que são os mais velhos, que são os conhecedores da nossa história, então eu tinha que estar aqui para dar boas-vindas a vocês, acredito que é a primeira vez que vocês estão vindo aqui conhecer nossa história, nossa comunidade. Iremos apresentar para vocês alguns de nossos anciãos, são poucos, mas estão aqui lutando pelo nosso território, espero que vocês conheçam e que guardem na memória que vocês estão aqui colhendo, e essa colheita que vocês vão fazer eu espero que tenha uma reprodução né, com outras pessoas, com os outros parentes que o reconhecimento dos nossos mais velhos, como dona Jabuticaba, Maria Coruja e os outros. Eles são os livros

vivos de nossa comunidade, hoje os temos aqui, mas, não sabemos o dia de amanhã, então temos que buscar, pois são através deles que nós estamos aqui. Fiquem a vontade em perguntarem, quero que vocês andem pela aldeia, vocês que são jovens que não conheciam, mas estão aqui então aproveitam, somos humilde, mas estamos aqui de coração aberto para responder todas as suas perguntas dos seus anseios né. Estamos aqui de braços abertos para receber sintam-se em casa a aldeia também é de vocês. (Cacique Ubiratã Pataxó, informação verbal, 2019).

A Aldeia Xandó é relativamente pequena, em 2015 havia cerca de quarenta (40) famílias. Possui uma escola pequena, sem estrutura construída pela comunidade e atende a uma turma multisseriada da Educação Infantil ao 5º ano dos Anos Iniciais. A comunidade fica próximo ao distrito de Caraíva com isso os moradores trabalham prestando serviços na área hoteleira, outros fazem passeios com Bugres, vendem artesanato a beira do rio Caraíva e nas praias e alguns alugam casas para temporada.

No ano de 2019 retornamos nesta comunidade e percebemos algumas mudanças, a escola já está em prédio novo e a comunidade cresceu bastante demograficamente. Há também uma área de reserva de preservação ambiental, Porto do Boi. Neste lugar os moradores trabalham com Etnoturismo fazendo apresentação cultural e comercialização de artesanato.

A Aldeia Bugigão faz divisa com a ponta do Corumbau, uma espécie de península onde os moradores vivem principalmente da exploração da pesca e mangue. Os mariscos, os peixes e camarões são vendidos principalmente em Corumbau abastecendo a rede hoteleira.

Algumas famílias vivem da prestação de serviços com a travessia de turistas e visitantes em canoas no rio Corumbau (estes turistas vêm de Buggy de Caraíva até a Aldeia Bugigão, onde atravessam de canoa para visitar as praias exóticas e Corumbau).

Imagem 7: Alunos passeando de Barco e nadando no rio entre Bugigão e a ponta do Corumbau.



Fonte: Arquivo do projeto, 2019.

Há também os que fazem os passeios de Buggy e os servidores públicos da área da educação que trabalham em uma escola na comunidade que atende alguns alunos da Educação Infantil e Anos Iniciais.

Em 2015, passamos uma tarde na comunidade Bugigão, onde tivemos a oportunidade de conhecer as dificuldades e desafios da aldeia. Não tinha energia elétrica, nem água potável. Os parentes serviram para nós água de coco, pois não tinha água, não tinha estrada, fomos caminhando um percurso de 6 km, o acesso era só de buggy ou de barco, a escola era feita de madeira e palha.

Imagem 8: Motor utilizado para gerar energia em alguma localidade da Aldeia e o poço utilizado pelos moradores.



Fonte: Arquivo do projeto, 2015.

O aluno Kaunã relata um pouco sobre estes dias nas comunidades

No dia seguinte tomamos o Tahão (café), com pão e biscoito, depois tomamos o ônibus rumo a Aldeia Bugigão que também fica na extensão de Barra Velha, foi a minha primeira vez indo naquela aldeia, eu gostei muito de lá. É uma aldeia próximo ao mar e ao rio corumbau, lá é muito legal, lá eles têm sua sustentabilidade que vem do turismo, venda de artesanato e a pesca. Tomamos banho de praia e no rio também, além de fazer um passeio de barco conhecemos os materiais de pesca. À noite tivemos uma noite cultural, exibimos vídeos e depois fizemos um awê, ficamos lá o dia inteiro e a metade do outro. Os alunos de lá fizeram uma exposição da culinária tradicional para nós, uns pratos muito bons, eu acho que foi a melhor comida que eu já comi. Aldeia Bugigão, esta foi à aldeia que mais gostei, porque as pessoas de lá são muito gentil e as crianças de lá vieram nos receber e conversar com a gente. As casas de lá são quase todas de tábuas só algumas construídas. Os alunos nos apresentaram a culinária típica de lá, marisco, peixe e ostras. Os pescadores nos falaram a importância de observar as fases da lua para fazer uma boa pesca, mostraram a bússola usada no mar para orientar e nos mostrou vários tipos de materiais para pescar e os documentos para ser um pescador reconhecido pela marinha. (Kaunã Pataxó, informação verbal, 2020).

Em 2019, voltamos a aldeia Bugigão e pernoitamos em barraca. Nesta época observamos grandes avanços, já tinha estrada onde o transporte escolar nos levou até a aldeia. Os moradores já tinham feito uma escola de lajota, uma construção comunitária, já tinham

energia e já tinha um poço artesiano, vimos um avanço muito grande. Os alunos da comunidade apresentaram a culinária desenvolvida no território. Nós levamos o projetor para fazermos uma noite diferente, exibimos os vídeos dos intercâmbios anteriores e alguns documentários para a comunidade. No dia seguinte fizemos uma aula de campo de barco, conhecendo os equipamentos de pesca e os pontos importantes do rio Corumbau e visitamos as lideranças e anciãos da comunidade.

A aluna Ana Clara, que esteve duas vezes no intercâmbio em anos diferentes, faz comparativos do mudou neste intervalo de tempo. No primeiro depoimento ela fala sobre a diferença entre a Aldeia Bugigão na segunda e primeira visita, relatando que:

Em 2015, estive no intercâmbio na Aldeia Bugigão era totalmente diferente. A escola era de palha, a aldeia não tinha energia elétrica e nem água potável, mas com ajuda e união da comunidade e ajuda de alguns políticos, e parentes de outras comunidades, inclusive Aldeia Velha ajudaram para poder conseguir os materiais para construção da escola. Com muita luta os materiais chegavam à Caraíva e eram transportados de barco até Bugigão. Aos poucos os makiame foram pegando os materiais para dentro da aldeia e no mesmo dia conseguiram carregar tudo. O mesmo aconteceu com a água, hoje já tem poço à comunidade conseguiu. Os moradores da comunidade fizeram encanação para todas as famílias isso com união das famílias. Assim também foi com a energia há cinco anos só tinha um pequeno gerador a óleo diesel, a comunidade tinha que fazer vaquinha para comprar o óleo para o gerador. Uma coisa importante no Bugigão, e que não só os homens que são pescadores, as mulheres também pescam mariscos. Tivemos a oportunidade de conhecer um dos mais velhos pescadores da aldeia, seu Fulor com 76 anos, ele tinha um filho pequeno com menos de 01 ano e outro com 05 anos, o ancião vive forte comendo muitos alimentos “afrodisíacos”. Em 2019, a escola já tinha duas salas (as quis colocamos nossas mochilas), um banheiro e uma cozinha. Recepcionaram-nos muito bem, quando nós chegamos, estava à disposição, nos acompanharam todos os momentos. Fizemos um passeio de barco, conhecemos os pontos importantes do rio Corumbau. Quando chegamos do passeio o almoço já estava pronto, as mulheres da cozinha já tinham preparado tudo para nós. Depois do almoço os alunos do 3º, 4º e 5º ano fizeram uma apresentação dos pratos típicos da aldeia com os mariscos, o que eles comem o dia a dia. Juntamente com seus professores prepararam farofa de Bugigao, macarrão com polvo, moqueca de siri e outros. Ainda no Bugigão os pescadores montaram um cenário com todas as armas de pesca, como arpão, rede, redes tarrafas e vários outros materiais. O meio de sobrevivência das famílias é a pesca o turismo, lá tem 16 famílias composta por oito (08) pessoas cada família (Ana Clara Santos, informação verbal, 2019).

2.6. Considerações Sobre Essas Vivências

O Pataxó é o povo das matas, das águas do mar e dos rios, tem uma riqueza de fauna e flora em seu território como se percebe ao longo das vivências nos intercâmbios. Muitas famílias mudam constantemente dentro do território em busca de melhores condições e

qualidade de vida, resistem, adaptam e lutam, uns buscam as matas, outros o litoral e outros ficam próximos às BR.

Os alunos perceberam que dentro do território há um grupo de aldeias que ficam próximas as matas (Córrego da Cassiana, Boca da Mata, Meio da Mata) e os meios de vida são mais ligados à produção de artesanatos de madeira e agricultura familiar. Também observaram que o acesso aos bens de serviços é difícil em virtude da distância e estradas precárias

Outro grupo de aldeia que ficam próximas a BR foram retomadas em busca de ocupar o seu território tradicional (Jitai, Nova Esperança, Tingui Guaxuma, Pé do Monte e Aldeia Nova). O acesso é mais fácil e os parentes exploram a produção de artesanatos e agricultura, mas tem potencial para pecuária.

E o grupo que fica próximo ao litoral busca a sobrevivência na pesca, mangue e exploração do turismo que vem para essa região de Porto Seguro (Reserva da Jaqueira, Aldeia Velha, Imbiriba e Barra Velha).

Além do conhecimento físico e cultural dos territórios Pataxó o intercâmbio é muito importante para apresentar de forma direta os anciãos que lutaram pela demarcação dos territórios pataxó e suas lutas pela melhoria na qualidade de vida das famílias. Como por exemplo, o nosso velho Tururim Pataxó, um dos maiores nomes de luta do nosso povo, sobrevivente do massacre 51 e que foi cacique da aldeia mãe Barra Velha. Hoje já está encantado, contudo, tive o privilégio de visitá-lo ainda com vida com os alunos e colegas em um intercâmbio.

Imagem 9: Alunos visitando Tururim



Fonte: Arquivo do projeto, 2015.

Outros anciãos guerreiros da luta foram Parmiro, da aldeia Barra Velha, e Fulor, um mestre da pesca da aldeia Bugigão ambos já encantados. Outros anciãos que continuam na luta e na labuta são o pajé Albino, João da Isca, da mesma Aldeia mãe. Dona Coruja, Jabuticaba, Luís Preto, Zé Coruja da aldeia Pará, que narraram suas lutas para todos nós. Os alunos conseguiram perceber o quanto nossa aldeia é privilegiada em relação a outras comunidades, a infraestrutura das escolas e das estradas, além dos meios de tecnologia, espaço físico, tivemos grades reflexões.

Imagem 10: Alunos entrevistando Parmiro e Albino



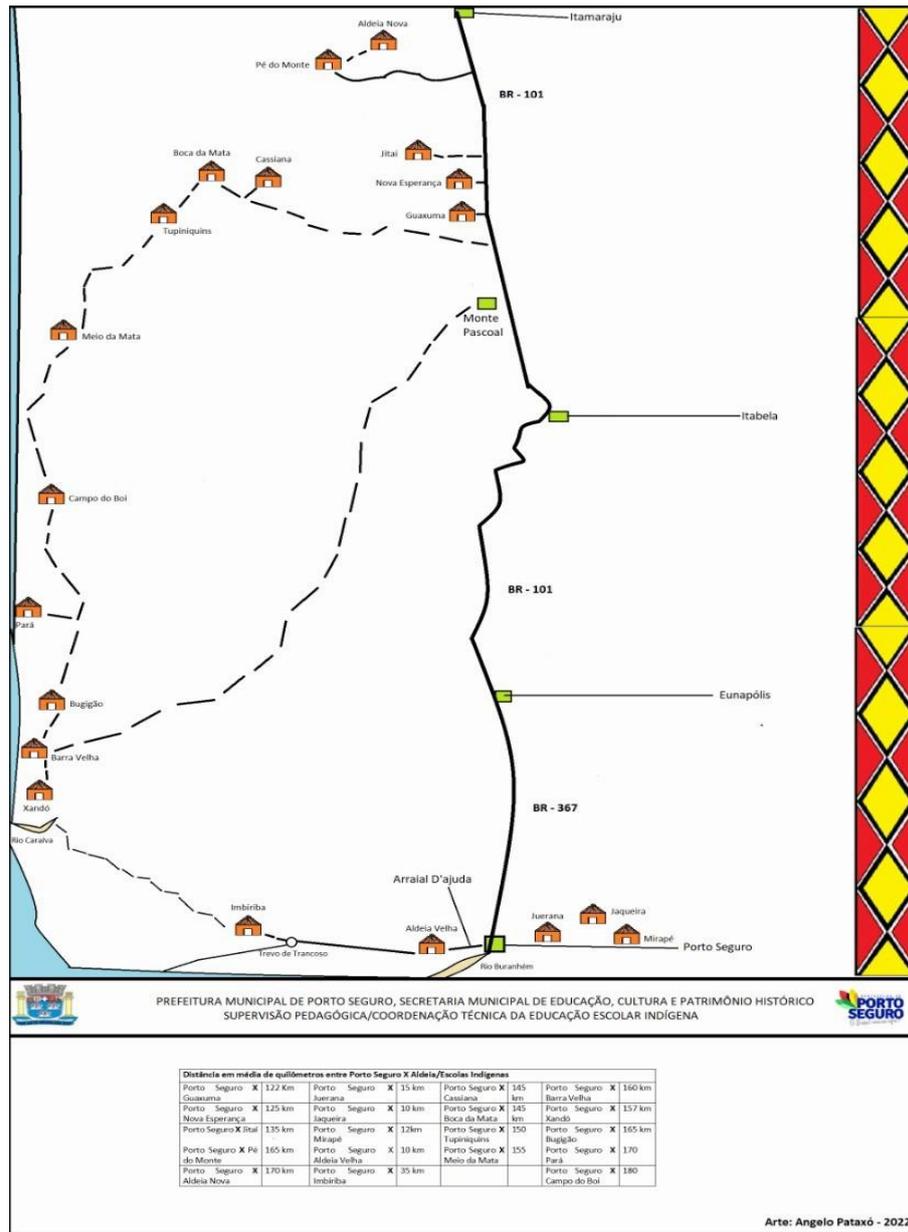
Fonte: Arquivo do projeto, 2015.

Contudo, somos todos Pataxós, com particularidade e segredos distintos, uma grande diversidade cultural de saberes e fazeres vivenciados em todas as aldeias que muitas vezes são vistos de forma genérica. Acredito que esse trabalho que a escola vem desenvolvendo tenha mostrado para os alunos, lideranças e comunidades de Aldeia velha o quanto é rico o povo Pataxó.

Ao tempo esperamos que também tenhamos conseguido expressar para os leitores desse trabalho as diferenças das comunidades Pataxós. No Município de Porto Seguro temos aproximadamente vinte (20) comunidades Pataxós, nestes anos de intercâmbios tivemos o privilégio de visitar quase, todas (Xandó, Barra Velha, Bugigão, Pará, Meio da Mata, Boca da Mata, Cassiana, Pé do Monte, Jitai, Nova Esperança, Tingui Guaxuma, Juerana e Reserva da

Jaqueira) visitamos também uma comunidade no município de Santa Cruz Cabrália que foi a Aldeia de Mata Medonha, em 2014. Fomos retribuir a visita aos parentes dessa comunidade, pois eles sempre estão nos visitando, então fomos passar o dia com eles e conhecer sua realidade. Foi apenas um dia de vivência, uma experiência bacana.

Imagem 11: Mapas das Aldeias Pataxó com Escolas Indígenas no Município de Porto Seguro.



Fonte: Setor da Supervisão Pedagógica da Educação Escolar Indígena – SEDUC.

No mapa acima podemos observar e ter uma referência geográfica e territorial das aldeias as quais foi realizada os intercâmbios.

Infelizmente no ano de 2019 fomos surpreendidos pelo um fato histórico a Pandemia de COVID-19 que impactou todas as comunidades pataxós do Estado da Bahia, com isso não pudemos realizar o intercâmbio. Diante a situação a equipe escolar teve que buscar novas práticas pedagógicas. No capítulo a seguir iremos apresentar o projeto e como se desenvolveu em conjunto com a Escola Aldeia Velha os trabalhos desenvolvidos pelo FIEI, agregando novas experiencias e conhecimento para a comunidade escolar.

CAPÍTULO 3 – ESCOLA INDÍGENA PATA XO ALDEIA VELHA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Com o início da pandemia de COVID-19, o ano letivo de 2020 foi interrompido no mês de março. A comunidade escolar, de forma geral, acreditava que iria retornar a qualquer momento as atividades escolares, contudo, os casos foram aumentando e vários decretos estaduais e municipais foram prolongados, e este período se estendeu até o fim do ano letivo de 2020.

Essa pandemia trouxe inúmeras consequências para a população mundial e com a comunidade Pataxó da Aldeia Velha não foi diferente. Nunca visto antes, o momento foi desesperador, assim como a perda de emprego em massa em nossa comunidade. Os hotéis, cabanas de praias e restaurantes fechados, as aulas interrompidas (com isso os professores indígenas ficaram desamparados, pois 90% trabalham com contratados temporários) e todos perdendo seus trabalhos.

Geralmente quando os professores entram em recesso escolar, ou desvinculam dos trabalhos escolares recorrem aos artesanatos, contudo, neste período de pandemia, não tivemos onde vendê-los, já que as cidades em nossa região estavam fechadas, e não tivemos como recorrer a esta opção.

Diante das dificuldades enfrentadas neste período, as lideranças, sobretudo a do grupo de cultura, juntamente com a pajé buscaram apoio com os parceiros na doação de alimentos, os quais foram doadas aos profissionais da educação e da comunidade.

As imagens a seguir destacam o recebimento de uma primeira remessa com mais de 150 cestas básicas pela comunidade Aldeia Velha. Essas cestas foram distribuídas na escola as famílias mais vulneráveis

Imagem 12: Cestas básicas recebidas pela Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha, pela associação filhos do céu.



Fonte: Registro da autora do trabalho.

Imagem 13: Apoio de alimentos e lanches para crianças, recebidos pela Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha.



Fonte: Registro da autora do trabalho.

A nossa escola recebeu bastante ajuda em alimentos, até a educação infantil foi contemplada com os quites que vinham com leite, aveia, maisena, Nescau, fubá dentre outros alimentos. Neste período difícil vimos que tem muita gente de bom coração, pois com todas as dificuldades ainda tinha pessoas para ajudar ao próximo.

Com a escola fechada, os estudantes aproveitaram bastante os espaços da comunidade, resgatando muitas brincadeiras, como empinar pipa, pau no litro, brincarem de bicicleta, montar a cavalo, enfim a quarentena deles foi livre no território.

Alguns indígenas pegaram o COVID-19, inclusive eu. A preocupação e união no cuidar um do outro prevaleceu. Com isso os parentes trouxeram remédios, comida etc. A medicina tradicional foi bastante utilizada, banho de folhas, chás e sumo de mastruz e algodão. Esses remédios chagavam em nossa casa, de forma bem diferente. Como não podíamos receber visitas, quando acordávamos, os remédios estavam pendurados em nossos portões.

Outra coisa que fortaleceu muito nessa época do COVID-19 foi à agricultura familiar os plantios nos quintais, como não podíamos sair e perdemos nossos trabalhos então começamos a plantar, para nosso sustento, e também começamos a criar mais galinhas, a troca de produtos das roças acontecia com frequência em nossa comunidade, a pandemia veio fortalecer essa olhar para terra com um olhar de sobrevivência, tivemos que recorrer ao cultivo da agricultura, pois os trabalhos fora da aldeia nas construções e rede de hotelaria tinha enfraquecido esta tradição do povo pataxó. Com tudo fechado tivemos que fortalecer, era uma solução para criar a sustentabilidade ao mesmo tempo uma terapia, pois ninguém conseguia ficar parado tanto tempo.

Outra fonte que ajudou muito foi o mangue onde íamos fazer a coleta dos mariscos, ostra, lambreta, sururu, moréia e o caranguejo e muitas vezes trocávamos por outros alimentos como frutas verduras e farinha.

Como mencionei anteriormente, assim como os colegas fiquei desempregada pois também sou professora contratada e para piorar não conseguimos cadastrar no programa do auxílio do governo federal, porque a prefeitura manteve nosso CPF com vínculo empregatício, posteriormente uns seis meses depois a prefeitura junto com a câmara de vereadores aprovou um auxílio aos professores contratados.

Além da docência, sempre comercializei artesanatos indígenas, contudo, não tinha para quem vender. O que ajudou em meu sustento foi à bolsa que recebia do PROEX, que fazia milagre que conseguia ajudar outros parentes que estavam em situação pior. As cestas básicas as quais relatamos neste percurso, fui uma das primeiras pessoas a mobilizar as parcerias para ajudar a comunidade, o que inclusive causou ciúmes a algumas lideranças, pois com o trabalho que fazíamos junto com o Grupo de Cultura (apresentações culturais e eventos em ONGs e instituições de forma colaborativa), nos possibilitou receber inúmeras doações destinada a comunidade.

Nas mobilizações em busca de apoio de mantimentos para a comunidade contrair a COVID-19. Sentir falta de ar, perdi o olfato e paladar, mas não fui internada, fiquei em casa é

fui curada através das medicinas naturais que a pajé e outros anciãos indicavam, uma das ervas que usei bastante foi o sumo do mastruz.

Em relação as nossas aulas da licenciatura passaram a ser remota, foi muito difícil, inicialmente, não me adaptei muito a esse método, o aprendizado não era igual as aulas presenciais, o contato com os colegas e professores, as explicações dos professores eram difíceis para compreender, as apresentações dos trabalhos eram difíceis também a compreensão e a visualização nas aulas remotas.

Somos povos da oralidade e coletividade, gostamos de conversar, debater os trabalhos, com isso não tivemos a mesma oportunidade de apresentar as nossas experiencias das atividades propostas, que fizemos em nosso território ricos de detalhes, como foi os trabalhos dos estágios, não tivemos a oportunidade de ser presencial, sem mencionar que em nossa comunidade a internet não ajuda muito, oscila demais.

Outra dificuldade de atividades remotas e que estamos em nossa casa e não conseguimos desligar de nossos afazeres habituais, pois quando vamos para a universidade nos distanciamos fisicamente. Em nossa residência sempre estamos conciliando, atividades domésticas, atividades escolares e tentando articular alguma ação que pudesse ajudar a nossa comunidade nesses tempos difíceis, enfim foi uma batalha muito grande, mas aos poucos conseguimos com a força de nossa ancestralidade que nos deu força enviou parceiros para superar essa fase de nossa vida.

3.1. Novas Alternativas de Aprendizagens

No ano de 2021 retomamos as aulas com o objetivo de realizar dois anos letivos em um ano civil, neste sentido tivemos o ano continuum 2020/2021. Este retorno se deu de forma remota e posteriormente híbrida.

Após ficarmos o ano letivo de 2020, praticamente sem nenhuma ação na Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, no ano de 2021, nos deparamos com várias situações, a saber: A primeira de como lidar com essa nova realidade de lecionar, quais estratégias usaríamos para propiciar o processo de ensino e aprendizagem? Segundo a escola não dispunha de materiais de apoio como uma boa impressora para imprimir inúmeras atividades, internet muito precária, os alunos em sua maioria não tinham internet em suas residências, bem como

aparelhos celulares, notebooks ou computadores para acessar as atividades que estávamos planejando para fazermos aulas assíncronas.

Outra situação é que os alunos por estarem acostumados com aulas presenciais, bem como as dinâmicas de usarmos os diversos espaços da comunidade como aula extraclasse não se acostumavam com as aulas, com isso havia uma evasão enorme e falta de retorno das atividades propostas. Contudo, percebemos que eles não estavam enclausurados como a maioria de outros alunos não indígenas em suas casas ou apartamentos. Eles estavam brincando nos diversos espaços da comunidade. Outros alunos estavam ajudando seus pais em afazeres tradicionais a exemplo de plantações e uso do mangue para suprir as necessidades.

E, por fim, precisávamos realizar o projeto de intervenção de estágio do FIEI (que abrangia os demais colegas), pois o nosso planejamento era com observações e intervenções no âmbito presencial envolvendo nossas práticas pedagógicas, sendo uma delas o Intercambio Intercultural territorial.

A partir deste diagnóstico, nos reunimos e pensamos nas alternativas para realizar nossas aulas no âmbito da educação escolar e o otimizar o nosso estágio, e propusemos dois caminhos: O primeiro usaríamos as brincadeiras que os alunos já estavam fazendo de forma metodológica e sistemática para elaborarmos nossas aulas e atingisse os objetivos propostos pela nossa etapa de ensino. O segundo, a exploração do território da T.I Aldeia Velha, este tinha como finalidade suprir o projeto do Intercâmbio Intercultural e Territorial, claro que em outra perspectiva.

Com isso elaboramos algumas aulas online de forma coletiva (alunos que não tinha aparelho de acesso à internet ia na casa do colega que tinha), reunimos com pais e/ou responsáveis orientando a disponibilizarem seus aparelhos celulares durante a noite aos filhos para assistir as aulas. E fizemos aulas de campo, às vezes juntávamos turmas de 05 (cinco) a 10 (dez) alunos com distanciamento uso de máscara e álcool gel e fomos superando as dificuldades.

Vale mencionar que esses diagnósticos se deram ao longo do ano, com várias tentativas de como lidar num processo nunca vivenciado antes pela comunidade escolar. A execução dessas alternativas iniciou de fato já em meados do segundo bimestre.

Neste tópico iremos apresentar dois projetos que foram desenvolvidos na Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, durante a pandemia: O primeiro foi “As Brincadeiras Realizadas Pelos Alunos na Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha” e segundo foi “Reconhecimento do Território da Aldeia Velha e Seus Principais Marcos”. Estes projetos tiveram início no segundo semestre de 2021, uma vez que os professores haviam tomado as

doses das vacinas Coronavac se precavendo ao COVID-19, no entanto os cuidados necessários de prevenção tais como distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel foram inclusos enquanto medida de segurança na aula de campo.

Os projetos tiveram como público os alunos das turmas do 6º ao 9º anos dos Anos Finais. No qual conseguimos desenvolver as atividades explorando o espaço da comunidade descrevendo algo que eles gostam e conhecem, usando sua criatividade através dos desenhos, escrita e áudio visual.

O primeiro trabalho dentre os objetivos foi conhecer as brincadeiras, dentro da comunidade, explorar o território, as regras e como se dá a interação de cada brincadeira. Destacar a importância do tema para Aldeia que foi o reconhecimento do seu território, fazer uma observação das belezas das paisagens, animais, e valorização da liberdade que nossas crianças têm, e como eles reconhecem cada canto dessa aldeia, clima e vegetação dentre outros aspectos (esse projeto perpassa as brincadeiras, buscamos explorar o território, a vivência, a cultura e cosmologia).

E, para a escola foi de suma relevância registrar memórias através dessas brincadeiras, valorizar a educação escolar indígena e a educação indígena, muitas das brincadeiras, apresentadas estão sendo substituídas pelos equipamentos eletrônicos, que não estão sendo tão exploradas como antes, e foram lembrados por muitos alunos, que no decorrer do nosso trabalho iremos descrever algumas dessas ações.

E, no segundo projeto foi o reconhecimento da T.I Aldeia Velha, na qual fizemos algumas andanças conhecendo e reconhecendo alguns pontos importantes da aldeia dentre eles: A Reserva da Aldeia Velha, sendo um ponto de referência para a nossa história onde os primeiros moradores ficaram na época da ocupação desse território, no qual contém os fornos antigos; Fizemos uma visita ao mangue, que, sobretudo, neste período pandêmico foi uma das fontes de sustento da comunidade; Fomos ao Sambaqui, visitamos a parte baixa da aldeia na qual tem algumas ilhas.

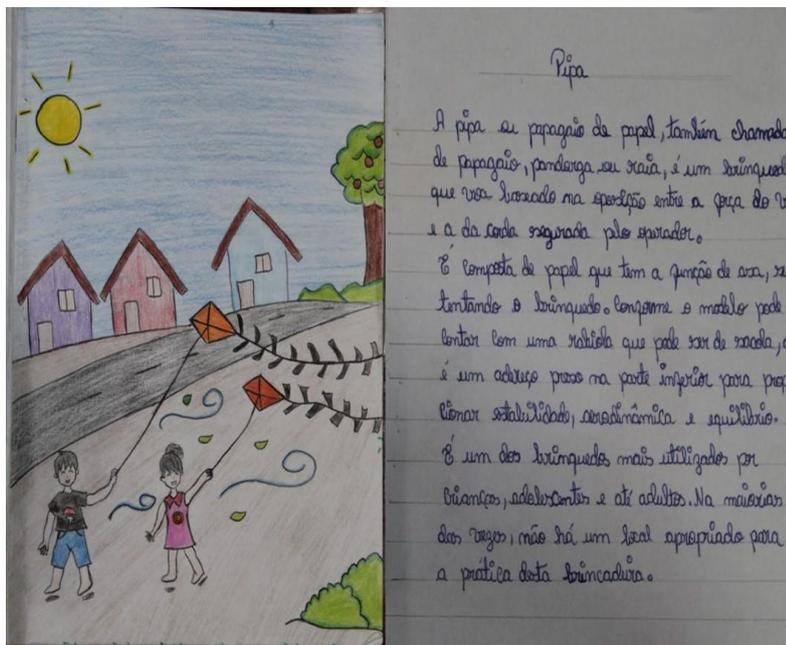
Vale mencionar que os projetos foram elaborados em perspectiva e colaboração dos estagiários dos alunos e alunas do FIEI, sempre trazendo um olhar a partir do que estudamos e fomos orientados. Isso já vinha acontecendo, pois, as licenciaturas têm a finalidade de contribuir de forma prática no exercício e formação docente. A comunidade escolar sempre discute como os alunos da FIEI, suas formações para dialogar com os projetos escolares.

Neste sentido, buscamos apoio com nossos orientadores o que possibilitou a construção de vários trabalhos ricos produzidos pelos alunos, os quais iremos apresentar a seguir.

3.2. Desenvolvimento das Ações/Atividades Brincadeiras.

A seguir apresento imagens de brincadeiras pesquisadas pelos alunos, juntamente com a escrita, de modo a valorizar os trabalhos.

Imagem 14: Desenho de crianças empinando pipas.

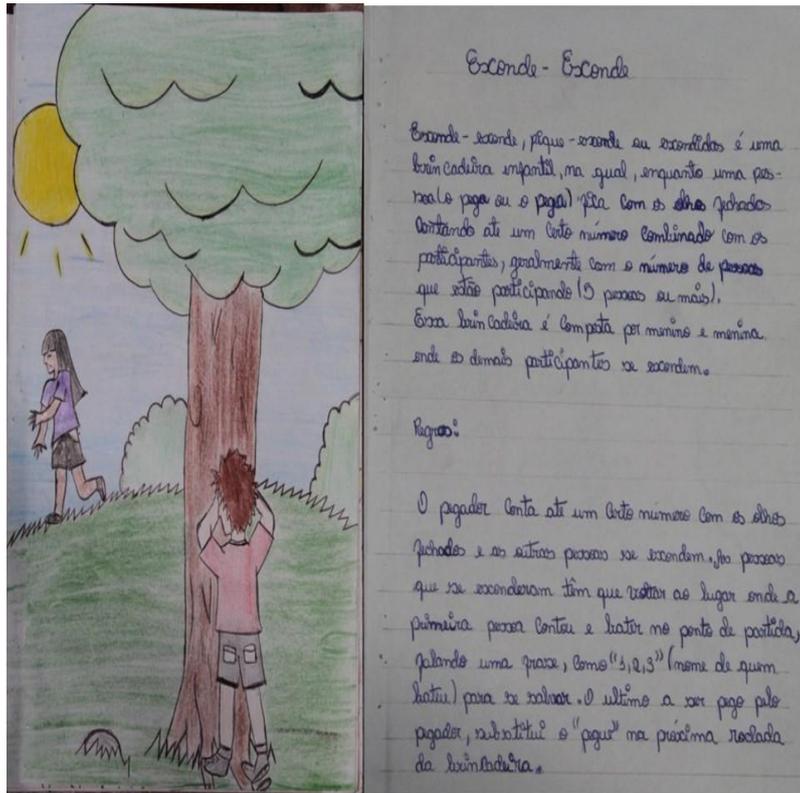


Fonte: Desenhos feitos pelos alunos da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, registro de Angelo Pataxó.

3.2.1. Pipa ou Papagaio

A pipa ou papagaio de papel, pandorga, ou raia, é um brinquedo que voa baseado na posição entre a força do vento e da corda segurada pelo operador. Regras: não soltar pipas em dia de chuva, relâmpagos, próximo a postes de rede elétrica, não usar linhas cortantes (cerol).

Imagem 15: Desenho de crianças brincando de esconde – esconde.

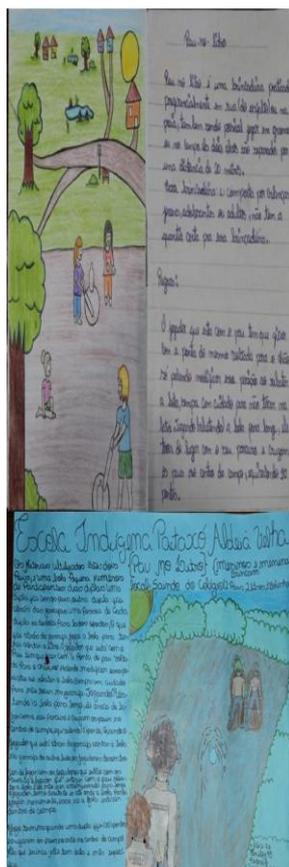


Fonte: Desenho feito pelos alunos da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, registrado por Angelo Pataxó.

3.2.2 – Esconde, Esconde.

Esta brincadeira de esconde, esconde é frequente na aldeia até hoje os meninos brincam nos quintais e nas ruas da comunidade.

Imagem 16: Desenhos de crianças da comunidade brincando de pau no litro.



Fonte: Desenhos dos alunos da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, registro de Angelo Pataxó.

3.2.3. Pau no Litro

Para brincar precisamos dos seguintes materiais: Dois pedaços de madeiras, uma bola pequena e uma garrafa de refrigerante pet vaziam. Número de participantes: duas duplas.

O pau no litro é uma brincadeira que é feita no meio da rua na comunidade, brincam as crianças, os jovens até os adultos, nessa época as ruas da aldeia ficam cheias de pessoas brincando, os carros e motos quando estão passando, esperam até a partida terminar, é muito bacana, este trabalho trouxe uma grande reflexão para valorizar o nosso lugar a liberdade que ainda temos dentro da comunidade.

Uma dupla irá começar rebatendo e a outra arremessando. Uma pessoa de cada dupla se desloca para lados opostos. O que fica atrás da garrafa joga a bola para tentar acertar o litro. O jogador que está com pau, deve ficar com o pau encostado no chão. Só podendo

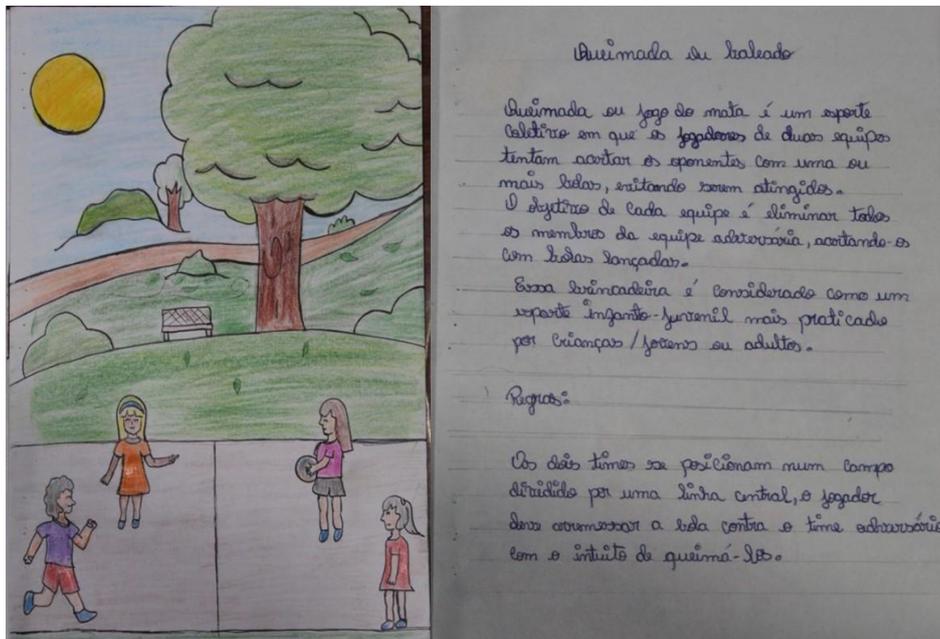
modificar esta posição ao rebater a bola. Sempre com cuidado para não tocar a garrafa. Jogando, rebatendo a bola para longe. Ele troca de lugar com o seu parceiro e cruza os paus no centro do campo, equivalendo 01 ponto.

Quando o jogador que está atrás da garrafa acertar a garrafa do outro lado os jogadores devem trocar de lugar com os jogadores que estão com os paus. Se o jogador que estiver com o pau rebater a bola e ela não for arremessada para longe, o jogador tem o direito de ir até onde a bola parou e jogar novamente. Isso se a bola estiver dentro do campo. O jogo termina quando uma dupla fizer 15 pontos e cruzarem os paus no chão no centro do campo. Não tem data nem Mês específico.

3.2.4. Queimada ou Baleado

Esta brincadeira é feita em todas áreas abertas na comunidade, quintal, rua, campo, na arena da escola e todos gostam de brincar, jovens, crianças e adultos.

Imagem 17: Desenhos de crianças da comunidade brincando de queimada ou baleado.



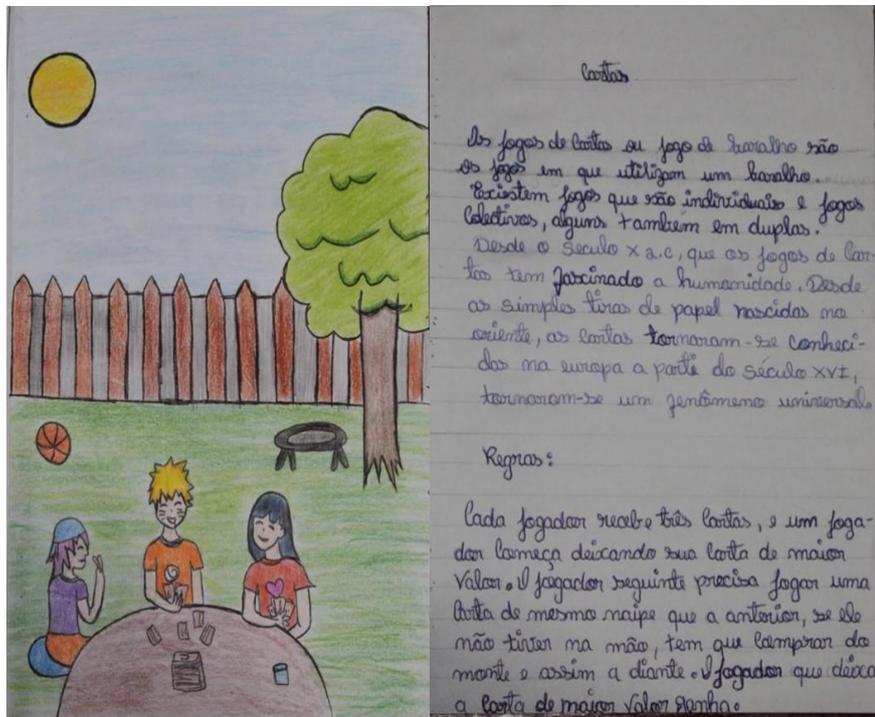
Fonte: Desenhos dos alunos da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, registro de Angelo Pataxó.

O jogo denominado queimada é praticado por 02 times cujo objetivo é eliminar o adversário atingindo-os queimando com a bola. A queimada é popular em todo o Brasil e, é chamada de baleado, caçador, mata soldado, carimba. O jogo de queimada é praticado especialmente durante o intervalo nas escolas, nos parques ou nas ruas. O Campo é dividido com uma linha central, atrás da área de cada time fica um espaço reservado para os jogadores queimados ou prisioneiros. Caso uma quadra polivalente esteja disponível, costuma-se utilizar as marcas do campo de vôlei. O número de participantes é combinado conforme o tamanho do campo. Assim a brincadeira pode ter de 04 a 20 jogadores. A queimada pode ser um jogo de equipe. Promove a cooperação entre os participantes. Além disso, desenvolver a rapidez de pensamento, atividade corporal e mira. Como é jogo bastante movimentado, perdem-se muitas calorias durante esta brincadeira. A queimada é praticada de forma não oficial no Brasil e por isso as regras não estão unificadas e variam de região para região. No entanto algumas normas são comuns. Vence o time que conseguir queimar mais.

3.2.5. Carta

A carta não tem um lugar específico para brincar, em todos os lugares podem estar brincando, inclusive dentro da sala de aula, os alunos querem ficar brincando o tempo todo, às vezes precisamos confiscar as cartas para eles voltarem ao conteúdo discutido.

Imagem 18: Desenho de crianças da comunidade brincando de carta.



Fonte: Desenho feito pelos alunos da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha.

3.2.6. Passa Bandeira

As crianças devem ser divididas em duas equipes. O espaço para brincadeira é dividido em dois campos de tamanhos iguais, separados por um risco no chão. Cada equipe tem sua bandeirinha. No fundo de cada campo, coloca a bandeirinha do time, podendo ser qualquer objeto, dentro de um círculo desenhado no chão. O objetivo é tentar pegar a bandeira da equipe adversária e trazer para o seu campo. Porém o jogador que entrar no campo do time adversário e for tocado por outro jogador, deve permanecer no mesmo local, podendo se mover novamente apenas se for tocado novamente por um membro de sua equipe.

Vence o time que capturar a bandeira adversária. O foco da brincadeira é correr, se esquivar e defender o seu território ao invés de se esconder.

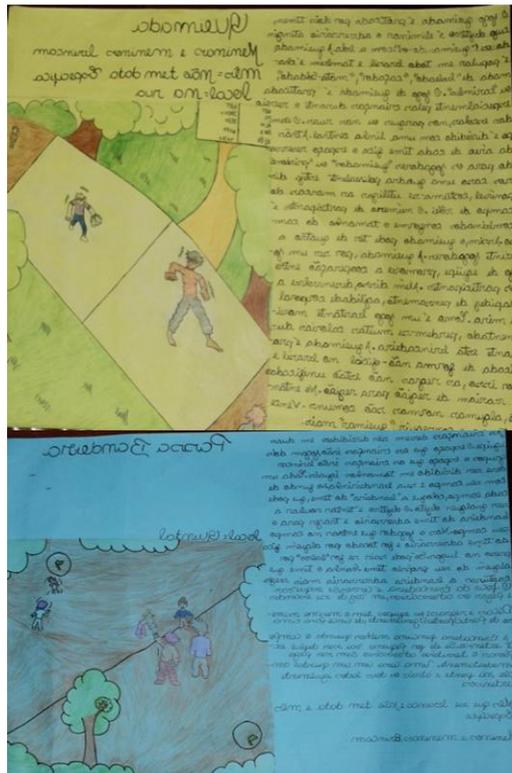
Dicas e Regras: As equipes devem conter a mesma quantidade de membros (mínimo de 05 participantes por equipe).

Local: área aberta. A brincadeira funciona melhor quando o campo é extenso. Se for pequeno, será difícil explorar o território adversário sem ser pego rapidamente.

Mês que se brinca: não tem data específica.

Meninos e meninas podem brincar.

Imagem 19: Desenhos de crianças da comunidade brincando de passa bandeira.



Fonte: Desenhos feitos pelos alunos da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, registro de Angelo Pataxó.

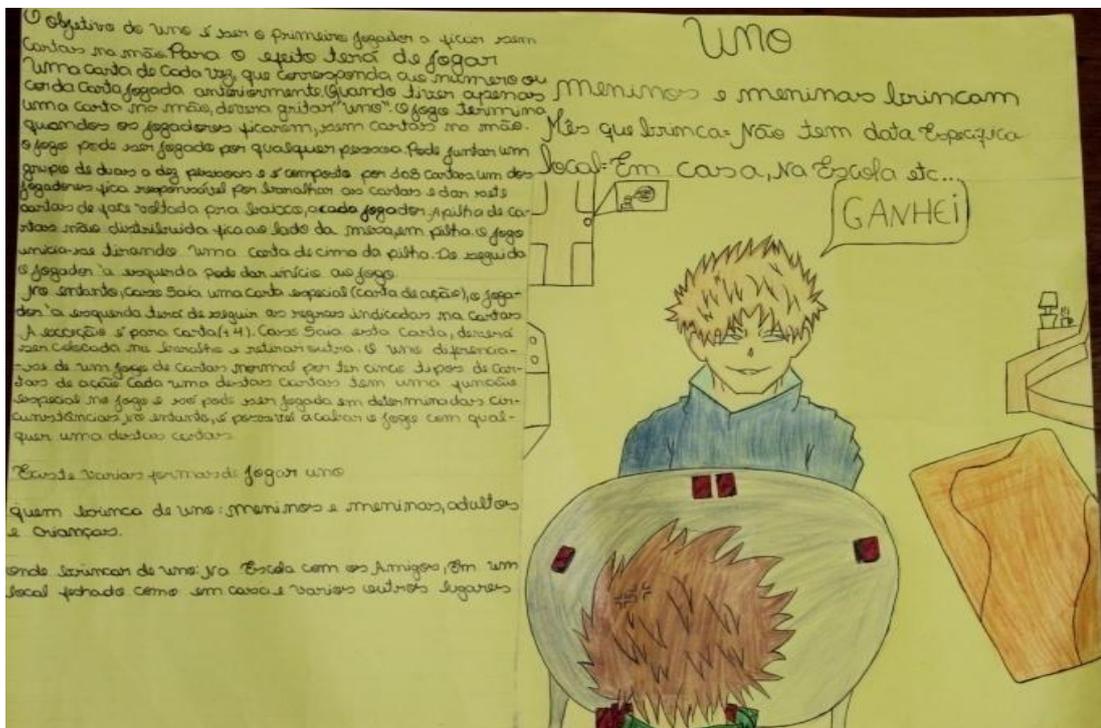
3.2.7. Uno

O objetivo do uno é ser o primeiro jogador a ficar sem cartas na mão. Para o efeito terá de jogar uma carta por vez, que corresponda ao número ou a cor da carta jogada anteriormente. Quando estiver com apenas uma carta na mão deverá gritar UNO. O jogo termina quando os jogadores ficarem sem carta na mão. O jogo pode ser jogado por qualquer pessoa. Pode juntar um grupo de 02 a 10 pessoas. O jogo é composto por 108 cartas. Um dos jogadores fica responsável por embaralhar as cartas e distribuir 07 cartas a cada jogador. A pilha de cartas não distribuídas fica do lado da mesa em pilha. O jogo inicia-se tirando uma

carta de cima da pilha. Em seguida o jogador a esquerda pode seguir o jogo. No entanto, caso saia uma carta especial ou carta de ação, o jogador a esquerda terá que seguir as regras indicadas nas cartas (a exceção é para cartas iniciadas +4).

Caso saia esta carta deverá ser colocada novamente no baralho e retirar outra. O uno diferencia-se de um jogo de cartas normal, por ter 05 tipos de cartas especiais. Cada uma dessas cartas tem uma função no jogo e só pode ser jogada em determinadas circunstâncias. No entanto, é possível acabar o jogo com qualquer uma dessas cartas. Existem várias formas de se jogar uno. Meninos e meninas, adultos e crianças podem jogar. Onde brincar? Na escola com amigos, em um local fechado como em casa e vários outros lugares.

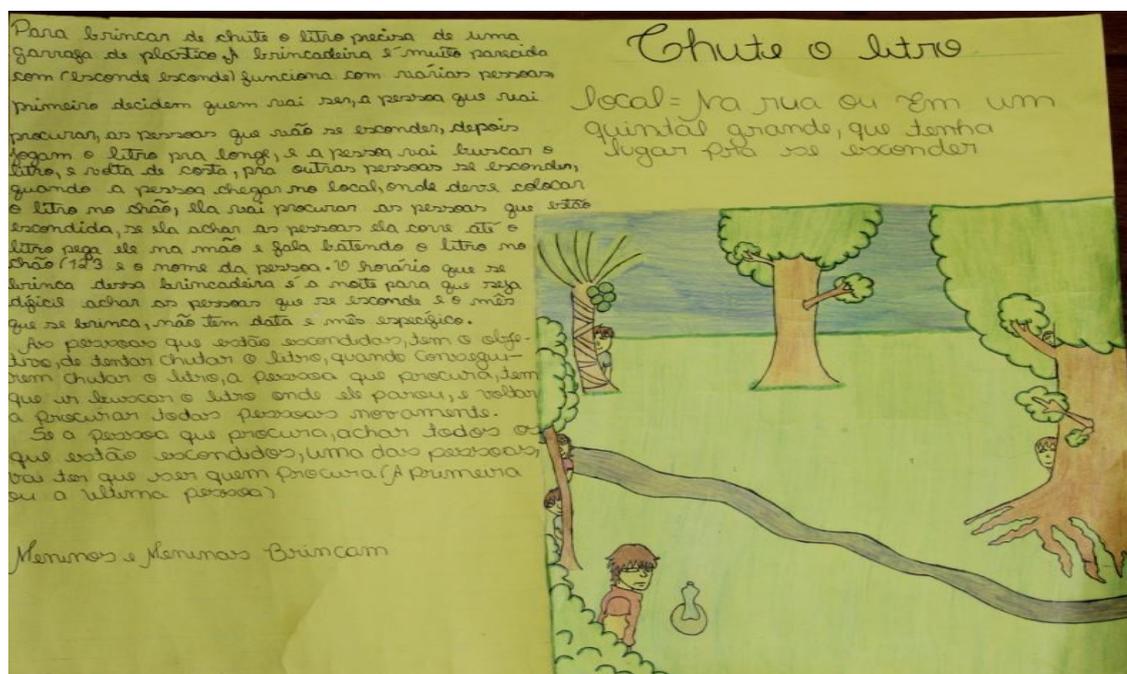
Imagem 20: Desenho de crianças da comunidade brincando de uno.



Fonte: Desenho feito por aluno da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, registro de Angelo Pataxó.

3.2.8. Chuta Litro

Imagem 21: Desenho de crianças da comunidade brincando de chute o litro.



Fonte: Desenho feito por alunos da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, registro de Angelo Pataxó.

Para brincar de chute litro é preciso de uma garrafa de plástico. A brincadeira é muito parecida com esconde, esconde. Funciona com várias pessoas. Primeiro decide quem vai ser a pessoa que vai procurar e as pessoas que irão se esconder. Depois joga um litro para longe. E a pessoa vai buscar o litro e volta de costa para outras pessoas se esconderem. Quando a pessoa chegar ao local onde deve colocar o litro no chão, ela vai procurar as pessoas que estão escondidas, se achar as pessoas, ela corre até o litro pega ele na mão e fala batendo o litro no chão, 01 (um), 02 (dois), 03 (três) e o nome da pessoa.

O horário que se brinca “Chuta Litro” é à noite para que seja difícil achar as pessoas que se escondem. Não tem data e mês específico. As pessoas que estão escondidas têm o objetivo de tentar chutar o litro. Quando conseguirem chutar o litro, a pessoa tem que ir buscar o litro onde ele parou e voltar a procurar todas as pessoas novamente.

Se o procurador achar todas as pessoas que estão escondidas, uma das pessoas deverá ser então a nova a procurar.

Brincam meninos e meninas. Local para brincar, usa-se as ruas ou num quintal grande.

Algumas brincadeiras foram feitas e apresentadas através audiovisual e nem fizemos desenhos, contudo vamos descrever. Foram elas: gude, amarelinha e pula corda.

3.2.9: Gude

Jogo infantil com bolinhas de vidro de ida e volta. Devem entrar em 03 buracos dispostos uma linha reta. Saindo vencedor a criança que chegar primeiro no buraco inicial.

3.2.10: Amarelinha

Amarelinha (ou jogo da morena em Portugal) é uma brincadeira popular entre as crianças. A palavra amarelinha vem do francês amarelo que por adaptação popular ganhou a associação com o amarelo e o diminutivo.

3.2.11: Pula Corda

Duas pessoas têm que ficar na corda e um fica no meio da corda para pular. E se triscar na corda, perde.

3.3. Exploração do Território

Outro projeto importante foi a exploração do Território de Aldeia Velha, nos anos 2020 e 2021 não tivemos condições de realizarmos o projeto do intercambio, tivemos que criar estratégias para não deixar de realizar esta ação, então fomos em busca de parceria com os sábios da comunidade Aldeia Velha para fazermos o reconhecimento das áreas importantes

da nossa comunidade. Em 2021 começamos com a Reserva Pataxó de Aldeia Velha². Ipê, nosso primeiro cacique, que nos acompanhou nesta aula extraclasse à reserva foi onde teve a primeira ocupação da T.I. Aldeia Velha, lá os alunos conheceram os pontos importantes onde foram construídos os primeiros kijemes (casa) dos primeiros moradores.

Numa conversa informal com Ipê, ele relatou as lutas que tiveram na época, falta de escola, estrada, água, transportes e muitas outras coisas. De acordo com ele atualmente já tivemos algumas conquistas como a construção da escola, os profissionais indígenas, posto de saúde, poços artesianos, estradas, o nosso povo hoje está bem.

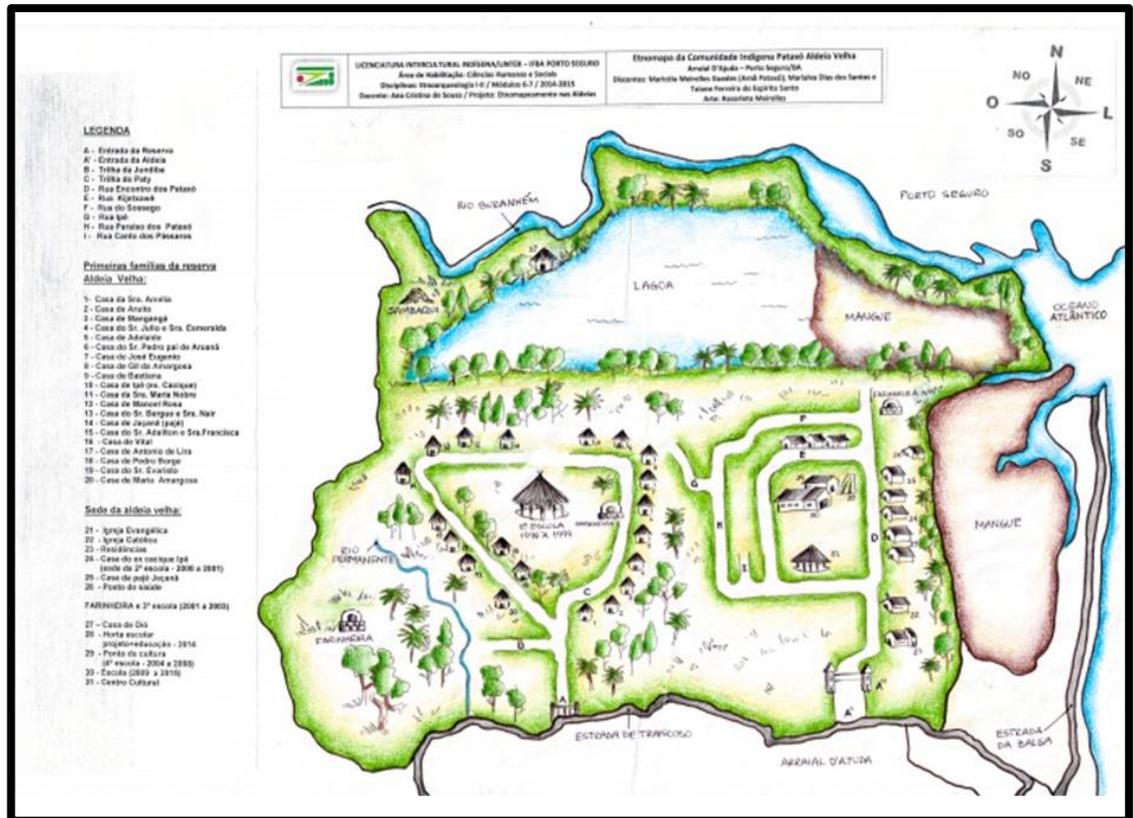
Na reserva da Aldeia Velha tivemos a oportunidade de conhecermos as matas e suas nascentes. Além da reserva, fomos com os alunos no Sambaqui³, uma aula muito rica com outro ancião acompanhando o nosso grupo de aluno, que foi o Nadinho. O sambaqui um lugar sagrado para o povo Pataxó, era o local de encontro dos povos indígenas, segundo Nadinho, foi um dos vestígios arqueológico, que reconheceu a nossa terra como terra tradicional. Próximo ao Sambaqui, fica a área baixa da aldeia a qual está sujeita a inundação, porque fica próximo ao rio Buranhém. Nessa área que temos muitas frutas como a mangaba e os cajus, onde os moradores da aldeia hoje em dia exploram estas plantas, uns pegam para o consumo outros para vender em esta época de pandemia voltamos a reconhecer todas essas áreas com os estudantes, acompanhados com os mais velhos da aldeia fazendo aulas de observação das transformações das paisagens, modificações realizadas pelos homens e pela natureza, e o caso das cheias que tem afetado a nossa região. Lugares que andávamos a pé hoje já não podem ser visitados, pois o rio subiu e não vamos mais, com o crescimento demográfico muitas áreas de pastos para os animais foram ocupadas pelas construções e os alunos relatam isso nas apresentações dos trabalhos.

Neste mapa etnográfico produzido pela autora e colegas na disciplina de arqueologia na LINTER – IFBA (2014) os leitores podem observar como fica distribuídos os principais pontos da TI Aldeia Velha, discutidos neste tópico

² A Terra Indígena Aldeia Velha, tem 2001 hectares. Na qual cerca de 40% é o local que moramos e chamamos de comunidade, tem uma parte baixa que se limita com o rio Buranhém e o mangue que corresponde a uns 10% e uma outra cerca de 50% que chamamos de Reserva da Aldeia Velha. Foi neste local que iniciou a retomada (1992 e 1988) onde os primeiros moradores residiram por uns seis (06) meses, posteriormente adentraram onde moramos atualmente. Neste local da reserva iniciamos um trabalho de preservação ambiental.

³Sambaqui é um local de vestígios composto por ostras e conchas o qual comprova que nossos antepassados habitavam este local antes dos colonizadores. O Sambaqui da Aldeia Velha, fica em uma das extremidades da T.I. Esta comprovação arqueológica foi um dos vestígios que ajudaram na identificação deste território.

Imagem 22: Mapa Etnográfico da TI Aldeia Velha.



Fonte: Mapa produzida por alunas da LINTER – IFBA, 2014.

A seguir apresentamos fotografias de registros de nossas aulas de campo, para demonstrar o quanto foi rico executarmos este projeto maravilhoso, em que todos aprendemos muito um com os outros.

Imagem 23: Alunos, professores e lideranças se organizando para a aula de campo, caminhada na Reserva da Aldeia Velha.



Fonte: Registro da autora do trabalho.

Em vários momentos registramos as nossas aulas de campo, este foi o momento de concentração para fazermos a caminhada até a reserva, foram duas horas de caminhada para irmos e duas para voltarmos com paradas em alguns pontos para relatar algo importante do lugar.

Imagem 24: Roças de plantio que fica entre a reserva e as moradias da comunidade.



Fonte: Registro da autora do trabalho.

No decorrer da nossa andança pela reserva passamos pelas roças de alguns parentes, alguns lugares que antes não tinha nenhum tipo de cultivo.

Falamos anteriormente dos quintas produtivos e o fortalecimento da agricultura familiar, os quais são plantados nas residencias próxima.

Imagem 25: Vestígios das primeiras moradias quando iniciou a segunda retomada (1998) no entorno da atual Reserva da Aldeia.



Fonte: Registro da autora do trabalho.

Nesta imagem registramos o vestígio de uma casa dos moradores antigos, era a casa do pai do cacique Ipê, foi um momento de muitas lembranças onde a nossa liderança não se conteve, se emocionou ao relembrar as lutas do seu pai em in memória.

Imagem 26: Nascente próximo a reserva utilizada pelos moradores no início da retomada (1998), conservada até os dias atuais. Em suas proximidades uma árvore secular.



Fonte: Registro da autora do trabalho.

Nesta imagem passamos por uma nascente. Não poderíamos deixar de falar da importância das nascentes, quem conhece, preserva e cuida, então vimos alguns rios em nossa área e falamos da importância de preservar a nossa natureza, nossa fauna, nossa flora.

Ipê fez questão de irmos em algumas árvores centenárias como é o caso dessa jundiba (imagem acima), acreditamos que uma aula dessa é impossível expressar em quatro paredes, pois tem coisas que a gente não consegue expressar, só sentimos, nesses momentos sentimos a conexão com a nossa cosmologia através do contato com a nossa floresta aprendizado que vamos levar para toda a vida.

Imagem 27: Alunas no centro da reserva, local onde os parentes fazem apresentações culturais e exposição de artesanato.



Fonte: Registro da autora do trabalho.

Nossa aula termina no meio da floresta onde foi feita a nossa primeira escola na época da retomada, onde os primeiros moradores ocuparam e tem vários vestígios neste lugar, uma emoção grande em poder apresentar de forma direta a história da nossa comunidade para as novas gerações.

No início do ano letivo 2022 começamos a planejarmos outra aula tão importante quanto a da visita a reserva, que foi a visita ao sambaqui, que fica localizado na parte baixa da aldeia um trajeto de difícil acesso. Contudo, não deu para realizarmos a visita nesse período devido a chuva intensa por aqui, então fizemos no final do ano, pois os alunos já estavam com uma grande expectativa em conhecer este lugar tão importante para o marco da história de Aldeia Velha. Foi uma caminhada árdua com muita lama, pois é brejo com muita tiririca no caminho mais chegamos com sucesso no local.

Imagem 28: Local onde fica o nosso sambaqui com imagem de algumas ostras.



Fonte: Registro da autora do trabalho.

Esta caminhada pela terra Aldeia Velha, na qual fomos ao Sambaqui, passamos pela parte baixa onde tem uma grande área com pés de mangabas e cajus, na época da temporada dessas frutas o local bem movimentado, nesta caminhada os alunos tiveram oportunidade de conhecer o local os quais alguns não conheciam.

Imagem 29: Alunos e professores ouvindo um dos moradores mais velhos falando sobre a importância do Sambaqui.



Fonte: Registro da autora do trabalho.

Imagem 30: Registro da caminhada dos alunos retornando do Samabaqui para a escola pela parte baixa, onde puderam tomar um banho numa lagoa.



Fonte: Registro registro da autora do trabalho.

Durante os dois anos de pandemia não podemos realizar o intercâmbio com outras comunidades, porém tivemos a oportunidade de apresentar para nossa nova geração pontos de muita importância dentro da nossa comunidade, fizemos a caminhada por toda nossa terra, nos pontos de mais fácil de acesso ao mais difíceis. Foram momentos de muito aprendizado. Os alunos conheceram a lagoa azul que era o local que os primeiros moradores usavam para tomarem banho. Conheceram o local onde a dona Dió morava, a casa já não existia mais, contudo o filho dela, o Nadinho, fez uma réplica da casa no mesmo local, para marcar como ponto de referência, pois era o ponto de encontro dos apoiadores e parentes na época da retomada da Aldeia Velha.

Imagem 31: Alunos descansando e ouvindo o ancião falar sobre este local conhecido como Porto de Dió, lugar os os parentes atracaram para fazer a retomada.



Fonte: Registro da autora do trabalho.

Outro ponto tão importante quanto os demais é o nosso mangue, um lugar que foi o marco para a sustentabilidade da nossa gente, nesse tempo da pandemia, onde não tínhamos onde ir para buscar a solução recorriamos ao nosso mangue, e ele foi e continua sendo muito generoso conosco, um lugar sagrado pra nós matou a fome de muita gente, não só da nossa comunidade, mais aqui dos nossos vizinhos também.

Imagem 32: Alunos e professor realizando um trabalho de campo no mangue da comunidade.



Fonte: Registro da autora do trabalho.

Ao propormos essas atividades de exploração do território, buscamos pessoas mais velhas que conhecem pontos importantes e significantes de nossa Terra Indígena de forma que contribui bastante para os conhecimentos de nossos jovens estudantes. Aspectos que fazíamos nos intercâmbios, porém em outras comunidades. No caso de nossa comunidade foi muito importante, porque a maioria dos alunos não conheciam sobre o Sambaqui, sendo um vestígio que ajudou na identificação de nosso território tradicional, os fornos arqueológicos que ficam em nossa T.I, as primeiras habitações que os parentes ficaram para fazer a retomada, as principais trilhas que dá acesso a várias espécies de nossa flora, nascente de rio e alguns dos limites de nossa T.I.

Alguns aspectos que não pudemos proporcionar em relação aos intercâmbios, que é a interação com outros jovens e lideranças, ter um olhar de pesquisador, uma vez que saímos de nosso convívio, mas consideramos bem relevante esta adaptação num tempo em que não era possível sair da Aldeia Velha.

Mas, de forma geral, contribuiu bastante, inclusive havia professores que não conheciam alguns pontos, o que nos leva a repensar em dar continuidade neste projeto. Que experiencia fantástica os alunos ao longo dos Anos Finais (o projeto do intercâmbio se aplica principalmente a esta etapa) conhecem o seu território, outros territórios no mínimo mais três, se fizemos durante os quatro anos desta etapa de ensino. São conhecimentos práticos de uma educação escolar indígena que vai além da sala de aula, estamos preparando alunos para conhecer os territórios e valorizar a história, luta e de nossos anciãs e lideranças, estamos

reafirmando a nossa cultura ao tempo que estamos formando jovens lideranças que já estão dando continuidade à luta de nosso povo Pataxó.

Para concluir essa etapa do trabalho, apresentamos falas de alunos e professores sobre essa experiência e sua importância. Com o aluno 01, perguntamos qual a importância de conhecer a história e o território onde moramos? Ele afirma que:

Ele respondeu que a seu ver é muito importante conhecermos nossa história e origem, isso é muito interessante conhecer a história de onde você mora, assim temos um entendimento onde seus avôs, pais, primos e tias moraram e surgiram a nossa história. Estudar nosso território e conhecer nosso território é uma parte importante para fortalecer nossa história sabermos como era o antes e depois saber os valores históricos importantes para nossa comunidade, além de que quando a gente pode conseguir algum recurso, ou seja, a gente já sabe onde encontrar e em que parte de nosso território, além de ser um bom conhecimento até para passarmos para nossos filhos. (Aluno 01, informação verbal, 2023).

Perguntamos ao aluno 02, sobre a importância de ter um mangue dentro da Aldeia Velha, principalmente nos dias de pandemia. O estudante fala que:

o nosso território da Aldeia Velha é bem amplo e extenso, nosso território é tão grande que nós temos uma área de mais de seis (06) quilômetros de manguezal que se estende até o Rio Buranhém onde faz o limite na parte de baixo um pouco antes da cidade de Porto Seguro, isso se resumindo é muito importante para medir e reconhecer o tamanho do nosso território. Além de tudo isso após o início da pandemia muitas pessoas ficaram desempregadas e não tinha nenhuma outra fonte de renda, mas o mangue nos apoiou nosso povo foi conseguindo uma fonte de renda sustentável inclusive a minha família ficou desempregada e o mangue foi um caminho para nós ir em busca de alimentos, o caranguejo, as conchas, o sururu, e foi assim conseguindo dar apoio a outras famílias, o mangue foi nossa segurança. (Aluno 02, informação verbal, 2023).

Fizemos uma pergunta ao aluno 03, sobre o que ele achou sobre as aulas extraclasse e os pontos históricos da comunidade. E ele relata que:

Acho muito importante as vezes nós temos alguns alunos que não conhecem os pontos históricos de nossa comunidade e nem sabe da história e importância deles, assim com as aulas de campo alguns dessas pessoas e alunos acabam entendendo nossa história e origens assim sabendo o peso que isso tem para nossa comunidade, porque também não é certo você morar em um lugar e não saber o mínimo de sua origem e história. Assim como eu alguns alunos colegas mal conheciam o sambaqui e mal sabiam de sua história, origem, importância e peso para a história de nossa comunidade, como eu nunca tinha ido eu jamais iria saber sobre essa história, essa aula ajudou muito a entender um pouco mais sobre a história de nossa comunidade assim se aprofundado um pouco mais nela, acho que alguns alunos pensam assim como eu e viram que o peso dessa aula foi muito importante e produtiva para todos nós, história que vamos levar para toda a vida (Aluno 03, informação verbal, 2023).

Na entrevista com o aluno 04 perguntamos sobre a importância das aulas extraclasse para conhecer os pontos histórico da nossa comunidade, ele relata que:

Acho muito importante as aulas extraclasse porque só assim a gente busca saber mais de nossa história, do nosso passado de como nós vivíamos. Isso é muito importante para nós, conhecer a nossa história, a história de luta do nosso povo. A aula de campo no sambaqui é muito importante para nós saber como ela foi feita, saber a importância que ela tem, a força que ela transmite, a história que ela tem do nosso passado e como foi importante para demarcar essa aldeia como um sítio arqueológico. Acho que todos da comunidade deveriam conhecer este lugar e sentir o que nós sentimos a força daquele lugar, aqui em nossa escola tem gente que não sabia o que era o sambaqui. E a sua ideia Ahnã, de colocar nós para falar para outra turma o nosso conhecimento adquirido na aula de campo foi massa, muitas pessoas da escola viram nós ali montando nossa pesquisa e nós fomos falando do sambaqui para eles, foi muito bom, para nós que fomos e para quem não foi, acredito que aprenderam conosco também.

É bom saber a história do nosso povo, do território, do sufoco, do medo, da tragédia que a gente passou no passado, então é muito importante buscar a aprender. Buscar mais conhecimento da sua aldeia, com as pessoas que sabem. (Aluno 04, informação verbal, 2023).

Entrevistamos uma professora 01 para comentar sobre as aulas extraclasse, ela diz que:

Ajudam os alunos a ter conhecimento de sua comunidade e vivência de sua realidade. Ela faz menção a experiência da visita ao mangue, que de acordo com ela é uma das fontes de alimentos principalmente para nosso povo. Na pandemia, por exemplo, buscamos a sustentabilidade para nossas famílias porque nele fazemos a pesca da Moreia, extração da ostra, lambretas, búzios, caranguejo, siri, guaiamu e outro mariscos. E, continua e importante que os alunos conheçam e reconheçam o sambaqui, pois ele é uma referência respeitável para nós da comunidade de Aldeia Velha por meio dele entendemos que através desses vestígios aqui já era habitado pelos nossos antepassados. Conhecendo a história do nosso povo, desperta a curiosidade de conhecer nosso território e com esse conhecimento nos dar autonomia de sermos um povo indígena independente das características física. (Professora 01, informação verbal, 2023).

Diante da impossibilidade de sairmos de nossa comunidade, acreditamos que o projeto de explorar a nossa comunidade foi muito válido, percebemos que alguns alunos e integrantes da comunidade escolar ainda não tinham explorado o território e relacionar a importância de trabalharmos de forma pedagógica, propiciando aos alunos interação e necessidade de conhecer e proteger a nossa fauna e flora. Vamos ver a possibilidade de manter e inserir também este projeto em nossas ações pedagógicas.

CAPÍTULO 4 – INTERCÂMBIO 2023, PÓS VACINA

4.1. Reserva da Jaqueira

No ano letivo de 2022, em nossa comunidade todos haviam tomado a segunda dose da vacina para a imunização do COVID-19, a partir de então começamos a retomar o projeto do intercâmbio. Nesse ano tivemos mais dificuldade em relação aos anos anteriores, pois estávamos tentando sair de uma pandemia que nos afetou profundamente, em todos os aspectos, fisicamente, psicologicamente e economicamente.

Como mencionamos nos capítulos anteriores, estávamos trabalhando de forma remota desde 2020 e apenas no ano letivo de 2022 as aulas foram retomadas de forma presencial. Assim, estávamos repensando várias ações que envolviam as questões pedagógicas, administrativas, financeiras e recursos humanos.

Em relação ao projeto do intercâmbio nos anos anteriores tínhamos os parceiros que ajudam com alimentos, recursos financeiros, transporte dentre outros. Nesta edição os comércios estavam tentando se restabelecer (alguns chegaram a fechar as portas), daí a dificuldade de apoio.

As pessoas da comunidade sempre ajudavam na contribuição de alimentos não perecíveis, pedíamos um ou dois quilos aos alunos que iam para a aula de campo, contudo neste momento era difícil, pois as famílias indígenas mal estavam conseguindo alimentos para sustentar a si próprias.

O grupo de Cultura de Aldeia Velha que sempre foi parceiro que ajudava na organização e financeiramente estava sem realizar as apresentações há muitos meses, infelizmente não pode contribuir com recursos.

Nessa edição do intercâmbio estávamos planejando de irmos para as Aldeias no município de Prado, no território de Comexatibá e Águas Belas, Corumbauzinho, Craveiro e aldeia Tawá, mas diante as dificuldades impostas além das mencionadas, as comunidades estavam fechadas para receber visitação de outras pessoas mesmo que parentes. Principalmente nós que estávamos mais próximo do distrito do Arraial D'ajuda, onde o contato com pessoas vindo de outras cidades é mais recorrente, o que causa mais insegurança em relação ao COVID-19.

Diante o exposto e com muita vontade de voltarmos a nossa rotina de trabalhos e realizarmos os nossos projetos, tivemos que pensar em uma nova solução. Achemos um caminho que seria muito bom para nós e para a comunidade, decidimos visitar a Reserva da Jaqueira. A decisão se deu por dois pontos importantes, primeiro por ser próxima, e segundo porque as lideranças daquela comunidade estavam organizando a festividade do 24º Aragwaksã.

De acordo com Siratã Pataxó, a festividade foi se pensado em um nome para poder deixar mesmo como algo marcante na reserva, Aragwá ele vem do termo lugar, um lugar sagrado aksã vem da parte de conquista é um lugar sagrado um lugar de vitória, aí veio o nome aragwaksã. (Siratã Pataxó, informação verbal, 2023).

Entramos em contato com Juary Pataxó, presidente do Instituto de Etnoturismo da Reserva da Jaqueira, e Siratã Pataxó, cacique da Aldeia Reserva da Jaqueira os quais são responsáveis pela organização da festa.

Eles já sabiam um pouco sobre o projeto, daí falamos da vontade de retornar o intercâmbio e desta vez em sua comunidade, bem como as dificuldades do transporte e alimentação. Diante a situação, Siratã nos falou para conseguirmos o transporte, pois as refeições dos alunos e todos os envolvidos durante os três dias ficariam por conta da Reserva da Jaqueira.

Acredito que a espiritualidade estava trabalhando conosco, pois sempre tivemos uma luta travada para conseguirmos agendar um ônibus escolar para qualquer lugar, e neste ano não tivemos tanta dificuldade, foi mais rápido do que esperávamos.

Começamos a articular internamente para irmos para Reserva da Jaqueira, conhecer o território com os alunos, mas também participar da festividade de conquista daquele território, o Aragwaksã.

Imagem 33: Portal de entrada da Reserva da Jaqueira.



Fonte: Angelo Pataxó, 2023

Organizamos e saímos para mais um intercâmbio, naquele lugar tivemos uma certeza maior de que cada espaço dos nossos territórios é uma grande sala de aula. Neste momento me veio à mente o primeiro intercâmbio (realizado em 2013), onde estavam todas as lideranças presentes, neste evento estava acontecendo algo parecido, ali naquele momento, com uma diferença, com um número maior de lideranças e muitas lideranças Jovens e mulheres, na frente das instituições. Também com novos alunos, pois os que foram no primeiro intercâmbio em 2013 (em 09 anos, muitos jovens e adolescentes se transformaram em lideranças jovens) já não eram nossos alunos, mas estavam nos Grupo de Cultura representando a comunidade da Aldeia Velha e outros representando a Aldeia Velha, enquanto lideranças jovens.

Os alunos e nós ficamos acampados em barracas de *camping*, assim como outros parentes que vieram de outras aldeias para prestigiar o evento.

Imagem 34: Alunos armando as barracas no fundo da Escola da Jaqueira.



Fonte: Angelo Pataxó, 2022.

Logo na entrada da reserva os alunos já foram vendo as diferenças das construções em relação às aldeias que eles conheciam, a arquitetura e as pinturas deixaram os alunos encantados, os kijemes (ocas) da Reserva da Jaqueira são em formato redondas, inclusive a escola. Na reserva também tem um museu, onde ficam vários objetos expostos em sua maioria feita pelo artista e artesão Oito Pataxó, os alunos ficaram fascinados. Somos todos Pataxó, contudo cada comunidade com seu segredo e suas particularidades.

A Aldeia Pataxó Reserva da Jaqueira, desde sua retomada iniciou um trabalho de etnoturismo que ao longo dos anos vem se aperfeiçoando em seus espaços de visitação aos turistas e pesquisadores. Fizemos uma entrevista com o presidente do Instituto de Enoturismo Juari Pataxó para falar um pouco sobre:

O trabalho de etnoturismo, ou etnovivência da cultura pataxó ele inicia no primeiro momento foi pensado um local para afirmação da cultura pataxó e preservação ambiental, o etnoturismo é apenas um complemento que encaixou perfeitamente né, nos trabalhos da reserva da jaqueira que hoje fez 24º ano de trabalho, e esse trabalho ele teve muitos desafios, mas também para chegar a esse projeto nós tivemos que reaprender muitas coisas né, e sem deixar de perder a essência nossa ter o cuidado com a nossa cultura com os nossos cânticos né, com as nossas danças com as nossas pinturas, por que a reserva da Jaqueira ela traz essa reflexão, do cuidado e também ter o cuidado com a preservação ambiental, precisamos cuidar das 827 hectares de mata atlântica que e responsabilidade nossa do instituto e hoje graças a Deus conseguimos avançar nesse sentido que hoje já se passaram mais de cem jovens na

reservas da jaqueira que hoje são lideranças, professores coordenadores e diretores. Isso enche muito de orgulho ao povo pataxó e todos nós, e o etnoturismo hoje ele é gerenciado pelo instituto pataxó de etnoturismo que faz toda a parte administrativa e cuida dos projetos e busca recursos que faz as gerencias das atividades de turísticas, projetos ambientais e da cultura.

Além da festa que estava acontecendo na reserva no dia 31 de julho estava acontecendo à inauguração de dois grandes kijemes um para a exposição de artesanato e o outros um centro de vivência Pátaxó é um dos kijemes principal da reserva da Jaqueira, um projeto do edital da CAR do governo do Estado da Bahia através da SDR o proponente foi instituto de etnoturismo da reserva da Jaqueira (Juari Pataxó, informação verbal,2023).

Tivemos várias vivências, dentre as atividades, os alunos puderam ouvir várias palestras das lideranças e anciãs e anciãos com seus saberes tradicionais, sobre as trilhas ecológicas, as ervas medicinais, os artefatos e artesanatos.

Imagem 35: Medicina tradicional e awê de celebração.



Fonte, Angelo Pataxó, 2022.

Presenciamos o batizado com o Tawá (argila) a demonstração de aberturas da celebração do batizado foi realizada com os parentes Maxacali. O barro e/ou argila para nós é vida, é cura, ali estamos celebrando a cura e a vida por estarmos juntos novamente. Os alunos participaram de forma direta com o contato com o barro através do batizado, conheceram o significado desse momento e qual canto específico é usado para esta cerimônia.

Outro momento importante foi a caçada dos guerreiros que os alunos também participaram, momento muito forte antes da saída para a mata para realização da caçada. É feito um grande ritual de canto e danças para o fechamento do corpo do guerreiro e nossos anciãos e anciãos passam um barro no corpo dos guerreiros para proteção e para não deixar exalar o cheiro dentro da floresta e os animais consigam sentir, são as estratégias de caça e

estratégias de proteção respeitando a mãe terra e nossa espiritualidade, ao passar o barro no corpo sentimos a proteção da natureza.

No momento da preparação o pajé passa o incenso com as ervas naturais para fortalecer os espíritos dos guerreiros e espantar os maus espíritos, e os demais parentes celebram com os cantos fortes da ancestralidade do povo Pataxó.

Percebemos o quanto os alunos são guerreiros de luta, ao tempo que têm muita destreza na mata para caçar o animal, o mukuré (porco), foi caçado e capturado por um de nossos alunos. Enquanto professora e organizadora sentimos muito orgulho deles, na caçada é utilizada um arco e flecha para matar a caça e após a realização da caçada eles retornam à comunidade fazendo um canto do guerreiro.

Outro evento foi uma cerimônia bastante esperada, que é o casamento tradicional Pataxó que também faz parte da kadawé Aragwaksã. Os preparativos dos noivos criam uma grande curiosidade aos visitantes, onde a noiva é preparada com pinturas corporais e faciais e seus adereços são preparados exclusivamente para aquele momento, todos ficam ansiosos para verem a beleza da noiva quando entra com um belo canto e com o que temos de mais colorido através das pinturas e adereços.

O noivo também vem bem lindo com suas pinturas e seus adereços, ele tem que trazer uma tora equivalente ao peso da noiva até o local da realização da cerimônia, a distância é determinada pelo cacique. O noivo entra primeiro carregando a tora cantando e dançando, sendo acompanhado pelos homens, sendo que não podem deixar a tora cair no decorrer do percurso, se isso acontecer ele não está preparado para o casamento.

Ao chegar ao local tem um grito de guerra e a noiva faz um percurso sendo acompanhada pelas mulheres com um canto e dançando até o local onde o noivo e os demais estão aguardando sua chegada.

A cerimônia acontece com vários momentos, tem a partilha dos alimentos, a troca de alianças, as alianças para o povo Pataxó são as trocas de cocares, o cocar é símbolo de força, amor, união.

Foram três dias intensos de aprendizado entre os dias 30 e 31 de julho, e 01 de agosto.

Após a chegada, fizemos uma roda de conversa com os alunos, os quais foram relatando para os professores e alguns pais, de forma bastante emocionante a experiência vivida.

Quando saímos da nossa aldeia cada aluno já vai com a linha de pesquisa (cultura, meio ambiente, sustentabilidade, território). Isso facilita suas pesquisas em campo e consequentemente suas exposições aos colegas.

Neste sentido não podem perder tempo, ao chegarem já tem o compromisso de apresentarem a comunidade visitada para os colegas e para os pais. Em suas apresentações usam imagens, vídeos e relatos orais e escritos. As pessoas que não conhecem as comunidades visitadas ficam conhecendo através dos múltiplos olhares dos alunos.

Imagem 36: Cerimônia do batizado



Fonte: Angelo Pataxó, 2022.

Os alunos se esforçaram bastante, porque foram três dias intensos de atividades distintas e com grande significado (aspecto geral da Aldeia Reserva da Jaqueira, casamento tradicional, batismo com a argila, a caçada, o museu, a escola, dentre outros). Coitados, estão sendo avaliados por nós professores e pelos pais, que ficam curiosos para saberem como foi o que viram.

Imagem: 37 Alunos e professora no Aragwaksã.



Fonte: Angelo Pataxó, 2022.

Muitos pais dos alunos não conhecem outros territórios, contudo sabemos que nem tudo os alunos irão conseguir transmitir em palavras ou escritas, tem muitas coisas que eles irão guardar nas lembranças e no coração.

As emoções ninguém consegue expressar, apenas conseguimos sentir. Lembranças, memórias, tristezas e alegrias, são misturas de sentimentos que ficamos de longe observando na face de cada um na hora das suas apresentações.

4. 2. Intercâmbios nos territórios Barra Velha e Comexatibá (2023).

Este foi o segundo intercâmbio pós vacina, as aldeias escolhidas ficam nos Territórios Indígena de Comexatibá, Barra Velha e Águas Belas. Águas Belas fica próximo ao Monte Pascoal do lado oposto as Aldeia Pé do Monte. Por ficarem em outro município (Prado), não conseguimos transportes com a Secretaria de Educação de Porto Seguro.

Então nosso primeiro desafio foi buscar parceria para o transporte. Encaminhamos alguns ofícios a instituições parceiras tais como: Federação dos Indígenas Pataxó e Tupinambá – FINPAT, a Coordenação Regional do Sul da Bahia - CRSB- FUNAI e a Confederação Nacional de Agricultores Familiares – CONAFER, esta última foi a que conseguiu o transporte.

A saída da Escola Aldeia Velha foi no dia 08 (oito) de agosto, para chegarmos as referidas aldeias passamos pelos municípios de Eunápolis (BR 367), Itabela, Itamaraju e finalmente Prado (BR 101). Sair da comunidade é sempre um desafio, pois não sabemos que obstáculos iremos enfrentar ao longo do caminho.

Entre os municípios de Eunápolis e Itabela aconteceu um acidente, uma carreta de etanol havia tombado e derramou combustível na pista, por correr o risco explosão e acidentes em virtude do derramamento de combustível, a Polícia Federal interrompeu o tráfego de veículos.

Diante o imprevisto o motorista estacionou o ônibus no posto de combustível, acreditávamos que ia ser rápido, contudo, ficamos das 08:00 da manhã do dia 08, e ficamos até 03:00 horas da manhã do dia 09 com estes quase 50 adolescentes. Mesmo que quiséssemos irnos de volta para a Aldeia Velha, não conseguiríamos, porque o congestionamento de carretas estacionadas no posto nos impossibilitava.

A pista foi liberada e seguimos nossa viagem pois nossos alunos estavam ansiosos para conhecerem as Aldeias e os parentes. Chegamos na Aldeia Águas Belas, as 08:00 (oito) horas da manhã tomamos o café, e apesar do cansaço dos alunos por não conseguir dormir a noite seguimos o nosso roteiro.

4.2.1. Aldeia Craveiro.

Sáimos da Aldeia Águas Belas e fomos para Aldeia Craveiro. Ao chegarmos fomos recepcionados com um belíssimo café da manhã com comidas típicas. A equipe escolar, os alunos e lideranças se fizeram presente na recepção.

A comunidade é pequena em relação a nossa Aldeia Velha, de acordo com as lideranças existem cinquenta (50) famílias com aproximadamente 208 moradores. O meio de sobrevivência e a agricultura familiar, criação de animais de pequeno porte, serviços públicos

na área da saúde mantida pela Secretaria Especial da Saúde Indígena – SESAI e a educação mantida pelo Estado.

Imagem 38: Escola da Aldeia Craveiro



Fonte: Arquivo da autora, 2023.

A Aldeia está localizada no Território Barra Velha no Município de Prado. O nome da comunidade veio através de muitos moradores antigos trabalharem no plantio de cravos.

Funciona uma escola pequena que foi construída pelo Instituto Nacional de Reforma Agraria – INCRA, que atende 131 alunos matriculados no sistema, mas de acordo com a direção estudam uns 150 aproximadamente. Atualmente os parentes estão ampliando a escola com ação coletiva e comunitária, os professores usam os espaços do posto de saúde para funcionar como sala da escola também. Não há saneamento básico, mas tem um servidor da SESAI que cuida dos equipamentos que abastece as residências de água.

Fizemos uma entrevista com o professor para nos relatar um pouco dessa experiência:

“Eu achei incrível, uma ótima experiência para os nossos estudantes, o intercâmbio foi muito importante tanto para a escola quanto para a comunidade Aldeia Craveiro porque fortaleceu os laços entre os parentes e de certa forma, quando os nossos alunos viram aquela turma chegando lá eles ficaram muito felizes. Isso foi maravilhoso (Amos Ferreira, informação verbal, 2023).

Imagem 39: Alunos ouvindo palestra do ancião no Craveiro.



Fonte: Arquivo da autora, 2023.

4.2.2. Aldeia Corumbauzinho

No mesmo dia a tarde seguimos para a Aldeia Corumbauzinho conhecer aquele território, passamos a tarde com os parentes, fomos recebidos pelo corpo docente e o cacique. Posteriormente fizemos um grande awê de boas-vindas e logo após tivemos uma roda de conversa para as lideranças pudessem nos relatar um pouco mais sobre a comunidade.

Logo em seguida apresentamos o nosso projeto de Intercâmbio, pois a comunidade estava curiosa para saber o porquê de estarmos lá. Foi muito bom conhecer e reconhecer os parentes, falar dos nossos desafios para fazermos de fato acontecer uma educação escolar indígena diferenciada e intercultural na prática, uma educação libertadora autônoma.

Uma educação que de fato traga aprendizado aos alunos, professores e pessoas da comunidade e uma experiência que iremos levar para toda a vida, digo levarmos, porque não é só o aluno que aprende, nós como educadores também aprendemos muitos nessa caminhada. Muitos professores que foram para as comunidades não tinham noção das dificuldades que nossos parentes enfrentam todos os dias por lá.

O cacique nos relatou que a aldeia inicialmente foi ocupada com 16 famílias, e atualmente a comunidade tem 96 famílias. Na época da retomada quem estava de frente da ocupação da aldeia foi Alexandre Braz e Laura, que infelizmente já ancestralizaram.

A comunidade tem dois anos que está sem atendimento médico, ela fica a 60 quilômetros da cidade mais próxima que é Itamaraju e as estradas são de chão e com muitas ladeiras.

Imagem 40: Horta medicinal da Escola Corumbauzinho.



Fonte: Arquivo da autora, 2023.

O cacique, em sua explanação, fez um apelo aos alunos, pediu aos jovens que estudassem e tornassem-se médicos, para que posteriormente eles retornem as comunidades para atender seu povo nas respectivas comunidades, sobretudo as que tem mais dificuldade de acesso.

Seu relato foi em virtude da dificuldade de acesso de sua comunidade, pois tem aldeias que ficam próximas aos centros urbanos que é o caso de Aldeia Velha, situada no distrito de Arraial D'ajuda e de Porto Seguro, facilitando a ida a UPA, bem como a chegada do SAMU.

Na aldeia do referido cacique não há nenhuma possibilidade de acesso a esses bens de serviço, não tem sinal de telefone, tem Wi-Fi em alguns pontos da aldeia, é uma realidade bem diferente de muitas outras aldeias. Os professores que estavam presentes ficaram bastante emocionados com a fala da liderança.

Em Corumbauzinho tem uma escola que é gerida pelo Estado, atende da Educação Infantil ao 1º ano do Ensino Médio. Tem um Posto de Saúde, quando tem equipe, o médico atende a cada quinze dias, atualmente só há uma técnica de enfermagem que presta atendimento nas aldeias da região.

Imagem 41: Escola Corumbauzinho



Fonte: Arquivo da autora, 2023.

Em relação à medicina tradicional, a comunidade faz bastante o uso das ervas naturais.

A economia da comunidade gira em torno da agricultura familiar, serviços públicos (SESAI e Educação).

As lideranças falaram da importância de preservarmos o meio ambiente, a preocupação deles é manter os rios limpos e com volume de água. A região da comunidade é rica de água, nela há os rios Corumbau, Rio do Jibura e Jiburinha, suas águas são limpas, outrora abasteceram as comunidades circunvizinhas com o consumo da água e para a atividade pesqueira.

Mencionaram a importância de deixar as florestas em pé, para que possamos nos proteger, proteger os animais e as nascentes.

O cacique da Aldeia Corumbauzinho fala que a floresta cura, tem curado muitas pessoas, sobretudo, pela dificuldade de acesso aos hospitais. Os conhecimentos ancestrais de lidar com as ervas que cuida da saúde da aldeia. Ele dá uma olhada ao redor e fala: todos os matos que estão em nossa volta tem uma serventia, o nosso povo Pataxó é um povo forte, somos como a formiga, pequena mais muito forte, a formiga vocês as vejam ali, vai lá e queiram pisar no formigueiro, aí sai tantas formigas que fazem vocês correrem, sabem por que elas vencem? Por que elas se unem, nosso povo é assim como nos unimos ninguém vence a gente para isso precisamos fazermos as coisas certas, preservar a Natureza é uma dessas coisas (depoimento verbal, Airi Pataxo, 2023).

Fizemos uma pequena visita em uma horta medicinal chamada “Relógio da vida” nos fundos da escola, um trabalho coordenado pelas professoras Adayelle e Damiana, com os

alunos em parceria com o professor de matemática. Cada leira cura um órgão do corpo humano, este é um trabalho de pesquisa das professoras para o FIEI / UFMG. Um trabalho de percurso muito rico e importante para a comunidade delas, um incentivo que já está sendo utilizado na prática com os parentes da aldeia.

4.2.3. Comunidade Tawá

No dia 10 pela manhã continuamos nossa aula de campo. Neste dia fomos para a comunidade do Tawá no Prado, Território Comexatibá, neste município tem 15 comunidades indígenas sendo 6 no território Barra velha e 9 no Território Comexatibá, tivemos a honra de explorar uma das 9 aldeias, fomos recebidos com muito carinho pelo corpo docente e discente, bem como a comunidade escolar e lideranças, com um grande awê de boas-vindas, com a participação dos alunos da educação infantil até o 5º ano.

Imagem 42: Colégio Tawá



Fonte: Arquivo da autora, 2023.

Logo após uma roda de apresentações das lideranças local e professores, seguimos a nossa agenda de trabalho, o primeiro roteiro foi conhecer a primeira praia, que de acordo com as lideranças locais foi onde as caravelas dos invasores pararam em 1500 para abastecerem

suas naus, praia da Barra do Cahy. O local tem uma cruz e uma placa referente ao mapa do território, está escrito: “Brasil, 1ª praia da Bahia, o Brasil renasce onde nasce. 22 de abril de 1500, ao monte alto o capitão pôs nome Vera Cruz indo aos navios pequenos diante dezessete, dezesseis, quinze, catorze, treze, doze, onze, dez e nove braças, até meia légua, da terra onde todos lançamos âncora sem frente a boca da barra de um rio: Rio Cahy.a barra do Cahy -Prado- Bahia -Brasil”.

Imagem 43: Barra do Cahy.



Fonte: Arquivo da autora, 2023.

De acordo com os moradores presentes, colocaram a escrita para demarcar o território. Segundo o professor Erisnando, a carta de Pero Vaz de Caminha descreve este local e os indígenas vistos naquela praia como os nossos antepassados. Após esta aula de história e um banho de rio no Rio Cahy retornamos à escola na comunidade Tawá, almoçamos uma deliciosa moqueca de mukusuy.

Logo após o almoço fizemos uma roda de conversa com os alunos da Escola do Tawá, estudantes do 6º ao 9º ano dos Anos Finais e Ensino Médio. Momento na qual nós nos apresentamos e falamos um pouco do projeto do intercâmbio, da alegria de estarmos ali naquele território, relatamos os desafios ao longo dos anos na qual passamos indo até aquelas comunidades, muitas perguntas e respostas, tanto para nós de Aldeia Velha quando dos nossos alunos para as lideranças do local.

Os alunos estavam ali atentos registrando tudo, pois ao retornarmos logo teremos o seminário temático na Escola Aldeia Velha e cada um tem a responsabilidade de apresentar a sua temática para os colegas que não foram para o intercâmbio.

Após a roda de conversa saímos para mais uma trajetória, conhecer a Praia dos Pescadores e Praia do Veleiro, onde fizemos uma interação entre os alunos da Escola Aldeia Velha, Escola Tawá e os alunos da Escola Bom Jesus de Águas Belas. Praticamos uma corrida com maracá na beira da praia, um lugar lindo.

A caminhada da Escola Tawá até a praia fomos por uma trilha ecológica dentro da mata atlântica (à beira da praia uma boa caminhada na natureza, com ar fresco ouvindo o canto dos pássaros). Foram momentos inesquecíveis, acredito que para todos nós de Aldeia Velha, por não conhecer a região, mas creio que para aqueles alunos das comunidades locais que estavam fazendo aquela caminhada conosco também.

Estávamos curiosos e perguntamos se estava sendo proveitoso para eles, a resposta foi sim. O aprendizado vem através da interação, pois na aula de campo o que não faltou foi a interação. Socialização, foram momentos que jamais conseguiria escrever aqui. Apenas contemplamos e sentimos, ou iremos transmitir através dos nossos olhares, pois muitas vezes nos emocionamos ao relembrar memórias. Retornamos à tardinha para a Escola do Tawá, onde nosso ônibus estava nos aguardando para seguimos para a comunidade de Águas Belas.

Estávamos bastante cansados, no dia 11 estava previsto para voltarmos para a nossa comunidade pela manhã, contudo devido ao acidente na qual citei anteriormente, refizemos nossa agenda e ficamos um pouco mais.

4.2.4: Comunidade Águas Belas

Diante o exposto no dia 11, fizemos andanças pela comunidade pela manhã e visitamos os primeiros moradores. Tivemos uma roda de conversa com seu Pedro Braz dos Santos e sua esposa Rosita Braz dos Santos, ele é filho de Maria Emília, a fundadora da Comunidade Águas Belas. Foi uma longa conversa, eles relataram as dificuldades enfrentadas naquele local. Ele falou da importância do cuidado com a alimentação saudável e nos levou no fundo da casa dele, nos mostrou um pomar de frutas e verduras uma verdadeira agricultura familiar (achamos impressionante como a maioria dos velhos falam da importância da proteção com o meio ambiente).

Dando continuidade em nossa prosa, explicaram brevemente o processo de ocupação, de acordo com eles, este local que era terra tradicional, estava ocupado pelo Estado, não

houve conflito e no início eram apenas oito famílias indígenas que vieram fugindo do massacre de 1951 da Aldeia Mãe Barra Velha.

Imagem 44: Alunos gravando palestras dos anciãos.



Fonte: Arquivo da autora, 2023.

Posteriormente fomos para casa de outros anciãos sobrevivente do massacre (Fogo 51), o pai e a mãe do atual cacique Baía, o Sr. Eriédison da Conceição Braz e Sra. Angelita dos Santos Cunha. Eles relataram que:

Saíram de Barra Velha ainda criança com seus pais e um casal de tios e foram morar em um local chamado Ribeiro Fundo, depois foram para outro local. Nessa época muitos parentes negavam sua identidade, pois não queriam serem perseguidos. Tinha muitos policiais andando por essa região, nos repreendendo. Desde então vim morar aqui, formei minha família por cá e estou aqui até hoje. Agora está tudo mais fácil, antes a gente tinha que produzir nossos alimentos, usávamos o óleo de dendê ou banha de porco porque não tinha outro, mas hoje percebemos que era mais saudável. Por aqui nos criávamos galinha, porco e aproveitada tudo das nossas roças, fazíamos isso porque não tinha onde comprar e não tinha dinheiro para comprar, aqui tudo é longe então vivíamos da caça, pesca e da agricultura. Não tinha tantas doenças, quando tinha cuidava por aqui mesmo (Eriédson Braz e Angelita Cunha, informação verbal, 2023).

Depois o Cacique Baiá faz uma pergunta aos nossos alunos: “Vocês aí, quem sabe rezar? Uma reza de quebrante ou uma reza de dor de cabeça?”. Os alunos respondem que não sabiam, então o Baia responde:

Eu não estudei muito, apenas estudei até 5ª série, não aprendi muito a ler e escrever, mas aprendi muitas outras coisas com meus avôs. Tenho 37 anos, quando meus filhos adoecem, eu mesmo que cuido com as forças das ervas naturais e com as minhas rezas, estes conhecimentos quem trouxe o povo pataxó até aqui onde estamos e não podemos esquecer estes saberes, vocês tem que estudarem sim, mas não podem esquecer o que fez o Pataxó vencer nas guerras foi o nosso conhecimento tradicional das rezas, o Pataxó tem suas raízes enfiada nesse chão, Pataxó não veio das cinzas, se vocês andares por essas comunidades vão ver sua gente seu povo, nunca esqueçam isso (Cacique Baiá, informação verbal, 2023).

Na comunidade tem parteiras que ajudam muito as mulheres em suas gestações e nascimento das crianças, a dona Rosita tem os conhecimentos das plantas medicinais, os quais são passados de geração a geração.

Este intercâmbio foi bem diferenciado, a direção e coordenação da Escola Bom Jesus adequou todos os planejamentos durante a semana para que os alunos pudessem nos acompanhar em nossas caminhadas. O planejamento foi feito com temáticas (Intercâmbio e Aldeia Velha), posteriormente eles irão apresentar a outros colegas em forma de seminário na escola deles (a exemplo de nosso planejamento), além disso o cacique Baiá e o vice cacique João Braz estiveram acompanhando todo o nosso trabalho, bem como todo o corpo docente da Escola de Águas Belas.

Os alunos do 3º ano do Ensino Médio fizeram uma bateria de perguntas para nossos alunos e nós professores acabamos participando para interagir isso no período noturno. As perguntas eram das mais variadas, tais como: “Quantas pessoas moram na Aldeia Velha? Quem foi o primeiro Cacique? Como é o sambaqui? Qual o objetivo do intercâmbio? Quando ocorreu o primeiro e, em qual a comunidade?”. Foram mais de duas horas de muitas perguntas, mas nossos alunos responderam com muita tranquilidade.

O professor da escola falou sobre a importância de nosso intercâmbio para a sua comunidade e a demais escolas indígenas.

Vejo o intercambio Pataxó de Aldeia Velha, além de um método de ensino, como uma troca de vivência e conhecimento ,pois nos fez com seus métodos pedagógicos ,reviver pessoalmente história com nossos anciões ,e também conhecer as aldeias e sua história diferentes sendo da mesma região ou seja um tipo de conhecimento único e magnífico que foi visto e abraçado pela minha aldeia com muito amor e que desejo que nossa escola abrace esse tipo de ensino como foi apresentado aqui por aldeia velha. (Ednei Braz, informação verbal, 2023)

Imagem 45: Escola da Águas Belas



Fonte: Arquivo da autora, 2023.

Os moradores deram o nome da Aldeia de Águas Belas devido ao rio de águas claras que está no território, as águas do começo até o fim são muito claras. Um lugar lindo, o rio abasteceu a comunidade por muitos anos com sua água limpa e cristalina, a comunidade ainda usa muito para tomar banho e para pescar. Esta comunidade fica dentro do Parque Nacional do Monte Pascoal, então tem uma área bastante extensa da mata atlântica bem preservada. Por ficar próxima das áreas das retomadas, as quais aconteceram recentemente conflitos, as lideranças falaram que é muito perigoso andarem a noite por aquela região.

Fomos ao posto de saúde e, ao exemplo de Corumbauzinho, também estão sem médico. Tem um atendimento da enfermeira a cada quinze dias, contam com o serviço de um AISAN e um Agente de Saúde, estes últimos profissionais trabalham de domingo a domingo sem direito a férias (infelizmente uma prática desta instituição em várias aldeias, inclusive a Aldeia Velha).

Com 45 famílias o abastecimento de água da SESAI não consegue chegar em todas as casas devido à distância das casas (a empresa não fez a estrutura necessária ao atendimento da comunidade), as pessoas que moram longe usam a água dos rios, alguns compraram uma bomba e colocam no rio e jogam água para suas casas, para suprir suas necessidades.

Em relação ao lixo, eles disseram que queimam, pois não existe coleta de lixo nas comunidades da região.

Dentre os trabalhos que sustentam algumas famílias tem os serviços públicos na educação, saúde e um CRAS indígena, outros trabalham na agricultura com o plantio de cacau, pimenta do reino, mandioca, banana e hortaliças. A produção de farinha e bem explorada por algumas famílias, o excedente é comercializado dentro da própria comunidade. As famílias vão uma vez por mês em Itamaraju fazerem compras das coisas que não são produzidas na comunidade.

Águas Belas é uma comunidade muito forte na cosmologia e nos encantados. Sentimos isso muito forte principalmente em nossa partida, acreditamos que nossos Naôs não

queriam que nós fossemos sem fazermos um ritual para conectarmos com nossa ancestralidade.

Algumas alunas nossas começaram a ter o encontro com eles, mas já estávamos saindo da comunidade. Quando fomos distanciando do território, eles também foram. Acreditamos que a manifestação deles não foi por acaso, aquela era uma mensagem para várias pessoas que estavam no grupo, que por razões diversas ao longo de suas vidas foram distanciando de nossa cosmologia e tradições de nosso povo Pataxó. As pessoas que precisavam receber a mensagem, perceberam.

Com certeza saímos da comunidade devendo um Awê forte para que pudéssemos nos fortalecer e fazer conexão com nossos ancestrais e a força da natureza, força essa a qual fez com que resistíssemos nas lutas ao longo dos séculos.

Este intercâmbio foi muito rico e grandioso, mas com muitos imprevistos e cansaço, acabamos deixando de fazer um momento de ritual mais forte e intenso, mas, espero voltar para cumprir minha missão, acredito ser uma missão pois esta aldeia foi o local onde nasci e vivi até os meus treze anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer esse trabalho foi um desafio prazeroso, reencontrar parentes que não via há muitos anos foi o maior privilégio do mundo nesse trabalho do intercâmbio. Apresentar pessoas que lutaram pela demarcação dos nossos territórios tradicionais, pelo fortalecimento da cultura do nosso povo Pataxó. Saberes e fazeres que propiciaram aos nossos alunos, que jamais teriam conseguido se estivéssemos nas paredes de nossa escola.

Me fez reviver memórias da infância dos territórios que passei (quando me perguntam se sou da Aldeia Velha, digo que sou nômade, sou Pataxó, porque tenho parentes em todas as aldeias e por onde vou sou acolhida pelo meu povo). Cresci, agora retorno nos lugares que andei na época da infância e voltar agora com outro olhar, um olhar de estudante, olhar de pesquisadora, olhar de professora e apresentando esse mesmo território aos meus alunos, meus colegas professores, então isso é muito gratificante.

São legados que a gente passa e deixa por essa terra, são missões que a gente deixa às pessoas. Um dia, quando eu ancestralizar, as pessoas vão lembrar de tudo isso, de todos esses desafios que nós percorremos diante desses territórios é que é uma universidade aberta, essas aldeias são as faculdades que estão aí distribuídas em vários pontos de várias cidades, pois nosso território perpassa as cidades criadas pelos colonizadores.

Acredito que meus alunos que percorreram os territórios tiveram muito aprendizado, sobretudo os que não estão mais em nossa escola pois concluíram essa etapa de ensino. Quando perguntamos a eles, falam com propriedade e detalhes de muitas comunidades que antes eles não conheciam.

Então esse é o legado que a gente vai deixar, não só para nossa comunidade, mas para as comunidades que nós passamos, as aldeias que nós fomos, tanto para os jovens quanto para os anciãos que foram visitados, para as lideranças que foram entrevistadas.

Muitas pessoas se sentiram importantes, se sentiram vistas diante do nosso intercâmbio. Alguns estavam ali invisibilizados, nós trouxemos à tona através das nossas visitas, das nossas escritas, dos nossos vídeos, das imagens de tantas fotos que registramos. Temos registros de muitos anciãos, dos que ainda estão vivos, dos que já ancestralizaram.

Alguns deles estavam no canto deles, lá quietos, ninguém nem visitava, então o intercâmbio trouxe isso.

A oportunidade de muitos alunos encontrar parentes esparramados nesses territórios, foi isso que o intercâmbio proporcionou e proporciona.

É muito além de um método pedagógico, é um método de uma educação escolar indígena coletiva, interdisciplinar, de fortalecimento cultural e identitária, de unir laços familiares do povo Pataxó.

O projeto que fazemos com nossos alunos é uma prática revolucionária, conhecer os territórios dos demais parentes Pataxó e valorizar os laços culturais, suas cosmologias, crenças e tradições, fazendo com que seus próprios processos de ensino e aprendizagem e conhecer o seu unir enquanto povo numa luta política e ideológica.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 1996, p.13).

De acordo com Paulo Freire é preciso vivenciar para que de fato o aprendizado aconteça e não fazer leitura mecânicas.

O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética, mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. É como se os livros todos a cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo. A realidade com que eles têm que ver é a realidade idealizada de uma escola que vai virando cada vez mais um dado aí, desconectado do concreto (FREIRE, 1996, p.14).

Os alunos que participaram ou participam das vivências no intercâmbio intercultural, poderiam ler livros e livros, mas não teriam o aprendizado que têm, eles se transformam e transformam ao seu redor. Houve alunos que participaram que posteriormente tornaram-se referências na cultura (canto, dança e cosmologia) para outros alunos, incentivando e fortalecendo a cultura do seu povo. Isto de fato é uma educação transformadora a partir de sua identidade étnica e saberes tradicionais.

De acordo com Freire (1996), é importante associar as disciplinas com a realidade social do aluno no sentido de problematizar, refletir e se tornar um cidadão crítico apto a intervenção humana.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida

neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferí-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos (FREIRE, ano 1996, P. 15).

Ao propor que os alunos apresentem um seminário com temas diferentes tais como: sustentabilidade, fauna, flora e histórico de luta e protagonismo das lideranças tradicionais indígenas Pataxó, a escola se baseia nesta prática de Paulo Freire (podemos afirmar até que fazem sem saber que o fazem em termos teóricos do autor). Fazem com que seus alunos reflitam sobre a realidades das diversas aldeias que fazem parte do intercambio e ao final desta etapa de ensino, eles poderão fazer imersões, reflexões e interferências para cuidar destes territórios enquanto pertencimento étnico e cultural.

Pois estes alunos Pataxó participam de movimentos coletivos quando seus territórios estão ameaçados, eles juntam várias aldeias em movimentos a fim de proteger territórios específicos, mas Pataxó. Isto de fato é uma educação transformadora a qual Freire, constantemente cita em suas obras.

Podemos afirmar que no referido trabalho a professora faz um trabalho que contrapõem as fronteiras e compromete-se com as questões culturais, sobretudo de seu povo, promove prática pedagógica inovadora com seus próprios processos de ensino e aprendizagens. Como menciona hooks (2013):

Em sua introdução a coletânea de ensaios *Between Borders: Pedagogy and the politics of cultural studies*, os organizadores Henry Giroux e Piter McLaren salientam que os pensadores críticos que trabalham com pedagogia e têm um compromisso com as questões culturais devem aliar a teoria e prática a fim de afirmar e demonstrar praticas pedagógicas engajadas na criação de uma nova linguagem, na ruptura das fronteiras disciplinares, na descentralização da autoridade e na reescrita das áreas limítrofes institucionais e discursivas onde a política se torna um pré requisito para reafirmar a relação entre atividade, poder e luta. Dado esse programa, e crucial que os pensadores críticos dispostos a mudar nossas práticas de ensino conversem entre si, e colaborem com uma discussão que contraponha fronteiras e crie um espaço para a intervenção. Hoje em dia, quando a “diferença” é tema quente nos currículos progressistas, está na moda falar de “hibridação” e “cruzar fronteiras”, mas raramente encontramos exemplos concretos de indivíduos que realmente ocupem posições diferentes dentro das estruturas e partilhem ideias entre si, e mapeando seus terrenos, seus vínculos e suas preocupações comuns no que se refere as práticas de ensino (HOOKS, 2013, P. 173).

Consideramos que um projeto interdisciplinar que une teoria e prática, como é o caso do Intercâmbio Cultural, quebra as barreiras de uma educação impositiva e eurocêntrica. Isso é de grande relevância, já que, apesar de termos legislações específicas de uma educação

escolar indígena, pouco é feito pelas instituições mantenedoras e cabe aos professores os desafios e inovações de praticar a educação escolar específica e diferenciada.

REFERÊNCIAS

BAHIA EXTREMO SUL. **Sites do Brasil**, [s.d.]. Disponível em: <http://www.sites-do-brasil.com/diretorio/index.php?cat_id=23>. Acesso em: 23 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

HOOKS, Bells. **Ensinando a Transgredir: A Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipola. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO TRIBOS JOVENS – ITJ. **Inventário Cultural Pataxó: Tradições do Povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia**: Atxohã/Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

NASCIMENTO, Criscia Santos. **Ritual Dawê Mayõ Ixé**. 2018. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Habilitação em Matemática.) Formação Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo horizonte, 2018.

VIEIRA, Vislandes Bonfim. **A importância do canto dentro do ritual do Awê**. 2016, 49f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura Habilitação em Línguas, Artes e Literatura.) – Formação Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo horizonte, 2016.